

Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?

E, se quereis dar crédito, **é este o Elias que havia de vir** (Mt 11,14)

Então **entenderam os discípulos que Ihes falava a respeito de João, o Batista**". (Mt 17,13)

Prefácio

Percebemos que quanto mais se discute sobre este tema, mais nos aproximamos da verdade e verdade seja dita, o seu principal divulgador foi Jesus quando diz a respeito de João Batista como "*é este o Elias que havia de vir*". Estamos com Jesus, não abrimos mão desse nosso direito e defenderemos esse princípio, a menos que Jesus disse tudo, menos que João Batista não teria sido Elias. Portanto, serão divididos os assuntos em tópicos e subtópicos, a fim de facilitar a consulta aos leitores e chegarmos à conclusão de que João Batista é de fato Elias reencarnado.

Considerações iniciais	2
I - Entrevista com um Judeu Ortodoxo	3
II - Argumentos contrários à imortalidade física de Elias	5
1. João 3:13 e o sentido de "subir ao céu"	6
2. Isaías 14 e o sentido de "subir ao céu"	7
3. O pressuposto figurado e sua falsa analogia	8
4. O "subir" e a jornada evolutiva de Jesus	9
5. O "subir", o "esvaziar" e a suposta deidade de Jesus	9
6. A "natureza divina" e a deidade	10
7. Raciocínio lógico ou "tentativa desesperada"?	12
8. A carta de Elias – II Crônicas 21:1, 12-15	12
9. Subida de Jesus – antes ou depois da encarnação terrena?	15
10. Declaração de Jesus – É o não a prova mais persuasiva?	15
III - Discutindo profecias	16
1. Malaquias – A chave inicial	16
2. Lucas 1:17 - Seu verdadeiro sentido	17
3. O profeta Elias x Um profeta semelhante	17
4. Mateus 11:14,15 – O entendimento do Mestre	18
5. Mateus 11:17,15 – João Batista como cumpridor da profecia referenciada a Elias	18
6. Os ministérios de João Batista e de Elias	19
7. O carma de João Batista – Verdade ou mentira?	19
8. Elias, Eliseu e João Batista	21
9. Expressões idênticas? Contextos idênticos ou diferentes?	22
IV - A salvação de todos	24
1. Razão infalível – será mesmo?	24
2. Discernimento espiritual – acima ou abaixo da razão?	24

3. Soberania e “vontade permissiva”	25
4. Mateus 25 e as “penas eternas”	26
5. Existe condenação irremissível?	27
6. O verso áureo e a “vida eterna”	28
7. “Enquanto se pode achá-lo” – quanto tempo dura e o que significa?	29
8. Salmo 22 e a “salvação de todos”	31
9. Pregação aos mortos – verdade ou mentira?	32
10. Pregação aos “espíritos em prisão” – antes ou depois dos “dias de Noé”?	32
11. Miquéias 7:18 – confirma ou rejeita a ira eterna?	33
12. O dilema dos efeitos dissonantes	34
 V - Paulo e a ressurreição, um obstáculo à imortalidade de Elias – I Coríntios 15	34
1. O problema da semântica	35
2. A “transformação” que ocorrerá com os vivos e os mortos	35
3. O “corpo espiritual”, a transfiguração e o arrebatamento de Elias	36
 VI - Paulo e o “conhecimento pleno” – I Coríntios 13	36
1. João 16:12 e o conhecimento limitado	37
 VII - O sacrifício de Jesus e a expiação	37
1. Arrependimento, confissão e sacrifício – o que nos purifica?	39
2. Paulo, Tiago e a relação fé x obras	41
3. A palavra da cruz, o homem natural e as "coisas de Deus"	41
4. Jesus, Tomé e as provas materiais	43
5. Salvação impossível?	43
7. A pregação de João Batista e o "Cordeiro de Deus"	44
8. A dúvida de João Batista e a resposta de Jesus	47
 VIII - Analisando I Tessalonicenses 5:21	48
 IX – O foco da Bíblia e o foco do debate	48
 Considerações finais	49

Considerações iniciais

Nosso propósito era evitar fazer desvios para outras questões ou aprofundar os pormenores, mesmo porque este tem sido um ardil bastante usado por opositores da reencarnação, quando discutem o tema. Estes mesmos opositores das vidas sucessivas, em suas análises, e com não pouca habilidade, fazem questão de abordar a tudo que está ao seu alcance. Segundo eles, existiria uma interligação entre os assuntos, o que em parte, não deixa de ser fato. E por este motivo, após reflexão mais apurada, resolvemos também fazer o mesmo, mas dividindo em sub-tópicos, para melhor facilidade de acesso e comparação da parte dos leitores. Acreditamos que uma análise imensa, sem o mínimo esforço de sub-divisão ou racionalização por partes, só tende a enfadar os leitores e desanimar o estudo. Lembramos que aqui o nosso foco é “João Batista e Elias”, mas iremos nos estender a pormenores sem deixar, é claro, de manter o encadeamento lógico centrado e convergente no ensino de Jesus, pois se este afirma e reafirma ser João o próprio Elias; estamos com ele e não abrimos mão. Tudo se baseará nesta premissa, a de que Ele, Jesus, é o centro e o principal propagador da tese a qual defendemos e continuaremos a defendê-la, até que nos provem que o que ele disse não foi à expressão da verdade, e que as profecias que a

isto aludem, deixam margem para cremos que “o profeta Elias” possa ser qualquer outro, desde que não seja ele próprio. As idéias estão aí, discutidas, refinadas e desenvolvidas, para conhecimento de todos. Reforçamos que cada um é livre para tirar suas próprias conclusões, independente de elas serem ou não, favoráveis à tese defendida por nós, ou pelos opositores da reencarnação.

I - Entrevista com um Judeu Ortodoxo

Antes de adentrarmos no tema, houve, numa lista de discussão, a participação de um judeu ortodoxo, ao qual fizemos dois importantes questionamentos. Com isso, suas respostas darão à partida em nosso estudo. Diante disso, segue a nossa primeira e segunda pergunta com o desencadeamento das respostas em seguida.

1 - Os Judeus acreditam em reencarnação? Nós judeus acreditamos na ressurreição dos mortos que ocorrerá no Yom HaDin (Dia do Juízo), mas acreditamos também que a essência (Ruach), volta novamente em um novo corpo, caso sua missão não tivesse sido cumprida; ou quando houvesse alguma pendência no nosso mundo terreno. O Criador devolve essa essência, que se une a um novo corpo, formando um novo nefesh (ser/alma).

2 - Os Judeus acreditam que o Profeta Elias reencarnou como João Batista? Não, as Escrituras Hebraicas = TaNaKh (Velho Testamento) e os próprios Escritos Cristãos (N.T.) são bem claro sobre este tema e aqui os coloco para sua análise.

Melakhim Bet (2 Reis) 2:1 ---“Quando YHWH estava para tomar Eliyahu aos céus num redemoinho, Eliyahu parte de Gilgal com Elishá.”---

Melakhim Bet (2 Reis) 2:11 ---“E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Eliyahu subiu aos céus num redemoinho.”---

Melakhim Bet (2 Reis) 1:4 ---“Agora, pois, assim diz o Senhor: Da cama a que subiste não descerás, mas certamente morrerás. E Elias se foi.”---

Em suma, Eliyahu não morreu, ele foi trasladado para junto do Criador, assim como foi Enosh (Enoque). Antes da vinda de Mashiach, o profeta Elias deverá surgir!

Malakhy 3:25 TaNaKh (Malaquias 4:5,6 Vulgata;) ---Veja, eu mesmo lhe envio Eliyahu, o Inspirado, em face de vinda do grande e atemorizante dia de YHWH. ---.

No “Novo Testamento” há uma grande confusão no qual não se consegue nenhuma explicação. O erro de interpretação ocorre quando Yeshua e Yochanan o Imersor (João o Batizador) entram em contradição. Existe contradição entre Jesus e João Batista.

De um lado Yeshua alega ser Yochanan o Elias, e do outro lado João declara não ser ele o Eliyahu. (?) Declaração de Jesus:

Matyyahu (Mateus) 17:10-13 ---10 - E os seus adeptos o interpelaram, dizendo: Por que dizem então os soferim que é mister que Eliyahu venha primeiro? 11 -

E Yeshua, responde, disse-lhes: Amen Eliyahu virá primeiro, e restaurará todas as coisas; 12 - Mas digo-vos que Eliyahu já veio, e não o penetraram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o filho do humano. 13 - Então entenderam os adeptos que lhes falara de Yochanan o Imersor.---

Esta declaração profunda é dita por Yeshua. Primeiro ele reconhece que o profeta Elias deveria vir de acordo com a profecia de Malaquias; contudo essas palavras são incompreensíveis quando em seguida afirma que Eliyahu já veio. Note que em nenhum lugar da TaNaKh, afirma que Eliyahu vai voltar como uma outra pessoa.

O mais perplexo de tudo é quando Yochanan o Imersor declara que ele mesmo não é Eliyahu o Inspirado. Vejamos

João 1:19-21 ---"19 Ora, este é o depoimento de Yochanan, quando os judeus lhe enviaram ministrantes e levitas de Yerushalaym para perguntar-lhe: "Quem és?" 20 E ele professou e não negou, mas confessou: "Eu não sou o Mashiach." 21 E perguntaram-lhe: "O que, então? És tu Eliyahu?" E ele disse: "não sou." "És tu O Inspirado?" E ele respondeu: "não!"

Estas palavras condenam totalmente a ideia de Yeshua ser o messias. Por que? Porque João Batista declara não ser Elias e nem ser Profeta. Logo Jesus não poderia ser o Mashiach no momento em que Yochanan afirma não ser Elias. 'Elohîm nos deu o livre arbítrio para ser o que desejamos e Yeshua não poderia controlar as palavras ditas por João Batista nem transforma-las no Profeta através de mágica.

Alguns citam (Lucas 1:17) ---*Na essência e no poder de Eliyahu---* para justificar esta gritante contradição. Porém podemos explicar que não se trata de reencarnação, mais de um termo comparativo, isso é explicado abaixo:

2 Reis 2:15 ---"Vendo-o, pois, os filhos dos inspirados que estavam defronte dele em Yericho, disseram: a essência de Eliyahu repousa sobre Elishá. E vindo ao seu encontro, prostraram-se em terra em faces dele.

Note que Elias não reencarnou em Eliseu. Eliseu não era a reencarnação de Elias. Vale a pena lembrar que milhões de Cristãos rejeitam a Doutrina da reencarnação e rejeitando esta Doutrina, João não poderia ser Elias. Assim fica provado que se não há (ou veio) Eliyahu ha.Navi, não há Mashiach ha.Melekh em Yisra'Êl. Em suma Jesus não é o Messias. ^[1]

Após os nossos questionamentos e as respostas deste judeu ortodoxo, entendemos que agora poderemos entrar no assunto e organizar as ideias por ele levantadas, testificando que Elias foi trasladado e depois veio a morrer, as profecias predizendo o regresso do profeta Elias era passível de se ocorrer somente através da reencarnação e neste caso, como João Batista, o motivo pelo qual João Batista não se autoafirma profeta e nem mesmo Elias e a principal tese, a de que Jesus declara que

[1] Entrevista com o Judeu Ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)

João Batista é mais ainda que profeta, sendo ele Elias. Entenderemos que somente esta organização dos argumentos é que iremos abalzar de que João Batista é o Elias reencarnado e Jesus, o messias.

II - Argumentos contrários à imortalidade física de Elias

Uma das objeções que usam para negar as palavras de Jesus e, por conseguinte, a reencarnação de Elias é a sua suposta imortalidade. Segundo dizem, por ocasião do arrebatamento, relatado em II Reis capítulo 2, Elias foi ao céu e conquistou a imortalidade. Esta imortalidade seria uma objeção ao fato dele (Elias) ter reencarnado em João Batista, mas também se esboroa nas palavras de Jesus que o circunscreveu e identificou, em mais de uma ocasião, neste último.

Essa objeção seria das mais sérias, se não levássemos em conta a autoridade de Jesus e não houvesse vários textos do AT e do NT que inviabilizam por completo essa hipótese que, segundo a Enciclopédia Judaica, não passa de uma “lenda judaica”. Ela afirma isso, e nestes termos:

*"Ele [Eliyahu] é freqüentemente identificado com **outros heróis das lendas Judaicas** sobre os quais foi lhes atribuído a imortalidade, tais como Melquisedeque, que não tinha pai ou mãe, e Enoque-Metraton....". [2]*

O mesmo evento que ocorreu com Elias, aconteceu com Enoque e transcrevemos a seguinte passagem para análise:

Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. (Hb 11:13).

Se creram em fé na promessa da terra prometida, Canaã, logo, não impediria de que **todos**, tais como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Sara, todos esses **morreram** de fato na fé. Acreditaram em coisas que não viram, como alcançarem a promessa da Terra Prometida, todavia, o escritor da Epístola é claro em afirmar a aliança dos patriarcas com o messias, tal como uma pátria superior e celestial (v.16), abandonando a terra em que eram peregrinos.

Citamos a nota de rodapé das diversas Bíblias de consulta, no caso em questão, a Bíblia da Editora Vozes:

Gn 5:24** E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.* Nota de rodapé: Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (II Rs 2:19-24) Os prodígios mostram que o espírito de Elias tinha repousado sobre o seu discípulo, para benefício de uns e desgraça de outros.

[2] Enciclopédia Judaica: <http://www.jewishencyclopedia.com/view.jsp?artid=245&letter=E>

O ciclo de Eliseu no-lo apresenta, sobretudo como taumaturgo, maior até mesmo que Elias, e como homem que intervém decididamente na política interna e externa. Estes relatos devem ter-se originado entre os círculos proféticos. (Bíblia Sagrada – Editora Vozes, grifo nosso).

Salientamos que Enoque viveu apenas 365 anos. Este número, conforme na nota de rodapé acima da Bíblia Sagrada da Editora Vozes e segundo a Kabbalah, denota que significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Semelhante atitude o referencia ao dito popular que comumente ouvimos: “Deus o levou”, “Está com Jesus”, “Agora está com Deus” e “Foi se juntar com os pais”. Esta referência é feita quando se pergunta por pessoas que já desencarnaram, assim como: *Tornou-se agradável a Deus e foi por ele amado; como, porém, vivia no meio de pecadores, foi transferido. (Sb 4:10)*, bem como *Henoc agradou ao Senhor e foi trasladado, exemplo de conversão para as gerações (Ec 44:16)*.

Analisemos abaixo, vários desses textos, começando por João 3:13.

1. João 3:13 e o sentido de “subir ao céu”

O texto de João 3:13 faz parte de um diálogo mantido entre Jesus e Nicodemos, e contém ensinamentos que colidem com a tese de que Elias ou qualquer outro houvesse ganho a imortalidade em corpo físico e ido para o céu até aquele momento. Assim diz o Senhor:

“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem.” (Jo 3:13)

Desse texto, podemos deduzir que:

1. Até aquele momento, ninguém havia subido ao céu.
2. O único que subiu foi quem de lá desceu, o Filho do Homem.
3. Antes de ter subido, é óbvio que ele não estava lá.
4. Ele primeiro subiu, depois desceu.

Acreditamos que essas conclusões, além de lógicas, são a nosso ver irrefutáveis. Para isso, basta apenas que se retirem o preconceito, e a verdade salta aos olhos. Isso serve tanto para um “subir ao céu” literal, quanto simbólico. Em ambos os casos, é um ensino que colide frontalmente com a tese da alegada imortalidade atribuída a Elias.

Uma das teses defendidas pelos opositores da reencarnação para contornar os problemas decorrente do texto de João 3:13 é alegar que a expressão “subir ao céu” não seria literal, mas simbólico. Dentro desse simbolismo, segundo eles, a expressão “significa **ter conhecimento das coisas celestiais**” e, principalmente, **ser semelhante ao Altíssimo**”; algo que, realmente, apenas Cristo é”. Comentando esse entendimento e sabendo que, segundo o texto, antes de descer Ele subiu, dissemos que se “subir ao céu” equivale a “ter conhecimento das coisas celestiais”, então, forçosamente, seu paradoxo “descer” possui sentido inverso, qual seja o de “perder esse conhecimento”. Em relação a este comentário dizem os opositores da reencarnação que “existe a analogia de que “descer do céu” equivaleria a perder

entendimento das coisas celestiais. Mas é por aí mesmo”. Então, se é por aí mesmo, estamos diante dos fatos seguintes:

1. Antes de “subir ao céu”, Jesus não tinha “conhecimento das coisas celestiais”.
2. Esse “conhecimento” foi adquirido por ele
3. Ele perdeu esse “conhecimento” ao descer a terra

Eles dizem que “é por aí mesmo” e devemos lembrar que estamos a discutir tomando como base as premissas deles mesmo, os opositores da reencarnação, e segundo elas, podemos ver que tanto literal quanto figuradamente, ele esbarra em alguns dilemas:

1. Se em algum momento ele não tinha “conhecimento das coisas celestiais” é porque ele é criatura e não o Deus Onisciente, como creem.
2. Se ele adquiriu esse conhecimento, isso revela que houve um **processo de aprendizagem** pelo qual Ele adquiriu “conhecimento das coisas celestiais”. Este processo nos sugere que ele percorreu alguns degraus evolutivos até chegar a este nível de conhecimento.

Esses dois problemas são comentados pelos opositores da reencarnação. Discutiremos mais adiante.

2. Isaías 14 e o sentido de "subir ao céu"

Para corroborar um entendimento figurado de “subir ao céu”, os opositores da reencarnação propõe uma fórmula, mas uma fórmula confusa, pouco crível sob o ponto de vista lógico. Sua fórmula é esta:

“subir ao céu” = “semelhante ao Altíssimo”

Segundo eles, “os textos e expressões são **iguais** e explicadas em Isaías 14:13-14”. Para eles, essa confusa analogia é o que “resta para quem não aceita buscar de subterfúgios para tentar derrubar esta referência que a Bíblia faz”. Eles reclamam que “adentrando nos comentários de Isaías 14, nós preferimos apenas repudiar o entendimento quanto a este capítulo também tratar-se de Satanás, e nada avalia quanto à expressão "subir ao céu" ser idêntico ao usado em João 3, que identifica que tal termo é ser "semelhante ao Altíssimo", conforme os versículos 13 e 14. Os opositores da reencarnação omitem o verso 15, mas eles acreditam não é diferente do que expõe”. Vejamos o texto:

Isaías 14

13 E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; 14 subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. 15 Contudo levado serás ao Seol, ao mais profundo do abismo.

O que podemos deduzir do texto acima? Será mesmo que “subir ao céu” equivale a “ser semelhante ao Altíssimo”. Mas é claro que não, isso é questão gramatical. Qualquer pessoa que, sem idéias preconcebidas, ler os versos acima verá que “subir ao céu” implica em:

1. Exaltar seu trono acima das estrelas de Deus (ele possui trono, trata-se de um rei).
2. Assentar-se no “monte da congregação”, que fica “nas extremidades do norte”.
3. Subir “acima das alturas das nuvens”.

Tudo isso tem um fim ou objetivo, que é “ser semelhante ao Altíssimo”. Não podemos confundir os meios para se atingir um objetivo, com o objetivo em si. O que encontramos aqui é que “subir ao céu” é um meio para tornar-se “semelhante ao Altíssimo”, ilusão do personagem da narrativa, o que difere do “subir ao céu” usado por Jesus com Nicodemos, Para Jesus, o ato de “subir ao céu” antes de “descer do céu” deu a ele “conhecimento das coisas celestiais”, e de posse disso ele argumenta que se Nicodemos não entendeu (ou fingiu não entender ou não quis entender) o que ele disse que eram “coisas terrestres”, tampouco o entenderia se Ele falasse de “coisas celestiais”.

Em resposta aos opositores da reencarnação, havíamos comentado que tais palavras atribuídas a Satanás revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deveria participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem esclarecido pela Ciência. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?

Ao invés de refutar eles apenas reafirmam o que houveram dito antes. É claro que agora fica explicado porque os opositores da reencarnação procuram entender, figurativamente apenas, a expressão “subir ao céu”. Se eles entenderem como figurativo, poderão aceitar que Elias foi ao céu literalmente e sem problemas com a fala do Cristo. Dessa forma eles também defenderão a inteligência angelical e prodigiosa atribuída a Satanás. O problema é que essa forma de interpretar descarta totalmente a possibilidade de aplicarmos o texto ao rei de Babilônia, que em sua ignorância entendia e desejava “ser semelhante ao Altíssimo”, mas da seguinte forma, transcrita pelos opositores da reencarnação: O rei da Babilônia é descrito como alguém que dizia no coração: "Eu subirei ao céu" (Is 14:13). O rei da Babilônia é descrito como alguém que dizia no coração: "Subirei acima das alturas das nuvens" (Is 14:14).

Realmente é muito estranho que um ser tão inteligente tenha pensamentos tão ultrapassados acerca de Deus e acerca da natureza. A visão de “subir ao céu”, “subir acima das alturas das nuvens” é de quem está na Terra e não no céu cortejado pelos anjos, em ambiente de pureza absoluta, na presença do Altíssimo. Semelhante ignorância só pode ser atribuída a um homem terreno que, por ser rei de Babilônia e em época antiga sem os conhecimentos astronômicos atuais, julga que a ele basta “subir acima das nuvens” e “se assentar no monte da congregação, nas extremidades do norte” para “ser semelhante ao Altíssimo”. É uma ignorância que, mesmo em sentido figurado, nenhum ser angelical cometeria. Se os anjos vivem na presença do Altíssimo, são perfeitos e o conhecem, sabem muito bem que ele é Todo Poderoso, infinito em todas as coisas, e que portanto, seria um invencível adversário. Qualquer esforço no sentido de se “igualar” ao Todo Poderoso ou disputar seu poderio seria um esforço vão, completamente inútil, tremendamente indigno da inteligência atribuída a um ser que já ocupa posição tão elevada.

3. O pressuposto figurado e sua falsa analogia

Os opositores da reencarnação defendem que ""**subir** acima das alturas das nuvens" não é literal e significa, assim como Jesus disse a Nicodemos, "**ser** semelhante ao Altíssimo"". O pressuposto figurado defendido pelos opositores da reencarnação, apenas serve para deixá-los em situação delicada, por se tratar de uma falsa analogia. Dizemos falsa analogia porque gramaticalmente o verbo "subir" é um verbo que indica movimento. Já o verbo "ser", que os opositores da reencarnação tomam por sinônimo daquele, é um verbo estático. Pensamos que seria mais prudente a eles associarem "subir" ao verbo tornar-se, pois tornar-se é um verbo que também indica movimento, e tem um fim ou um objetivo, que é "ser". Pelo menos seriam mais coerentes com a própria tese que defendem, o que nem de longe colocaria sua tese como a mais aceita, do ponto de vista lógico, pelos motivos que foram e serão aventados.

4. O "subir" e a jornada evolutiva de Jesus

Embora os opositores da reencarnação defendam que "num debate, é melhor deixar a Bíblia falar", são eles que fazem a Bíblia de fantoche, para falar o que eles querem, quando quer e quando isso lhe convém. Parece eles não aceitam um dos fatos contidos nas entrelinhas de João 3:13, de que antes de subir ele [Jesus] passou por toda uma jornada evolutiva antes de presenciar as "coisas celestiais". Mas quando tentam combater essa idéia, embora defensores da Deidade de Jesus, eles reconhecem que "Cristo falava com propriedade o que tinha lhe **revelado diretamente o Pai**, Ele era o único que tinha "subido ao Céu", ou seja, que **penetrou o conhecimento de tais coisas**", ou seja, inconscientemente os opositores da reencarnação confessam que houve um tempo de extensão indefinida em que o Pai não tinha ainda revelado a Jesus alguns conhecimentos, e se ele [Jesus] "**penetrou o conhecimento de tais coisas**" fica aí a confissão positiva, da lavra dos opositores da reencarnação, confirmando o que não aceitou (ou se contradizendo) em relação à nossa afirmativa.

5. O "subir", o "esvaziar" e a suposta deidade de Jesus

Embora confirmem inconscientemente o que dissemos, sobre a jornada evolutiva, a que ressalta inescapável do entendimento lógico e gramatical do texto (João 3:13), os opositores da reencarnação nos dizem que ""descer do céu" seria "perder" tal semelhança, o que confere com os demais ensinamentos escriturísticos pois Cristo subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar (Fp 2:6)", e com isso sugerem que ele era igual a Deus em tudo, mas que deixou de sê-lo quando se esvaziou de algo infinito para tornar-se finito. Mas isso já não soa lógico, pois para ele ser igual a Deus em tudo, faz-se mister que o seja infinito também, como infinito o é o próprio Deus, o que segundo Pedro é "**Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo**" (I Pedro 1:3). Ora, se algo é infinito, para tornar-se finito deve se esvaziar infinitamente, e como o infinito não tem fim, necessário é que fique eternamente se esvaziando, e nunca ficará vazio. Mas, vamos deixar um pouco de lado os argumentos lógicos, e voltemos ao texto, para vermos se realmente é isto o que de lá ressalta.

Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; (Fp 2:5-7)

Esse texto tem sido usado para provar uma suposta Deidade Pré-existente de Jesus, na qualidade de alguém igual ao Pai. Em primeiro lugar, para alguém se esvaziar, não pode ser infinito e, por conseguinte, não pode ser “igual a Deus”. Então, como resolver esse problema? Acreditamos que, verificando outras traduções, onde podemos encontrar algumas pistas. Enumeremos algumas:

*The New Testament, de G.R. Noyes: “o qual, sendo em forma de Deus, **não achou que ter igualdade com Deus fosse algo de que devesse apossar-se**”.*

*Das Neue Testament, edição revisada, de Friedrich Pfäfflin: “Ele – realmente de natureza divina – **nunca se fez, com auto-confiança, igual a Deus**”.*

*La Bibbia Concordata: “o qual, embora sendo em forma de Deus, **não achou que ser igual a Deus fosse algo do que gananciosamente se apoderar**”.*

*A Bíblia na Linguagem de Hoje: “Ele sempre teve a mesma natureza de Deus, mas **não tentou ser, pela força, igual a Deus**”.*

*The New Jerusalem Bible: “O qual, sendo em forma de Deus, **não achou que a igualdade com Deus fosse algo do que se apossar**”.*

O que acima fica claro é que, longe de dizer que Jesus achava apropriado ser igual a Deus, as traduções acima mostram justamente o contrário. Ou seja, Jesus não achava isso apropriado. O contexto (3-5,7,8) esclarece como o verso 6 deve ser entendido. Instou-se aos filipenses: “com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo”. Daí, Paulo usa Cristo como notável exemplo dessa atitude: “Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Que sentimento? Achar não ser roubo ser igual a Deus? Não, isso seria exatamente o contrário do argumento que estava sendo apresentado. Ao contrário, Jesus, que reputava a Deus como sendo melhor do que ele, jamais se apossaria da igualdade com Deus, mas, em vez disso, “humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”. Repetidas vezes Jesus mostrou que ele era uma criatura à parte de Deus e que tinha um Deus acima de si, um Deus a quem adorava, um Deus a quem amava e chamava de Pai. Em oração a Deus, isto é, ao Pai, Jesus disse: “que te conheçam **a ti, como o único Deus verdadeiro**” (Jo 17:3). Em João 2:17 ele disse a Maria Madalena: “Subo para **meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus**”. Em II Coríntios 1:3, Paulo confirma essa relação: “Bendito seja o **Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação”. O livro de Hebreus nos diz que “Ainda que era **Filho, aprendeu a obediência**, por aquilo que padeceu” (Hebreus 5:8). E visto que Jesus tinha um Deus, seu Pai, a quem ele devia obediência, ele não podia ao mesmo tempo ser ou fazer parte desse Deus.

6. A “natureza divina” e a deidade

Adentrando João 17:5, encontramos Jesus em oração ao Pai, orando nestes termos: “Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, **com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse**”. Sobre isto observem que “ter a mesma glória” não é sinônimo de “ter glória junto de”. Entenda-se que “ter a mesma glória” foi usada como ter o mesmo poder e a mesma autoridade, e “ter glória junto de” dá a idéia de compartilhar, ainda que não todo, ao menos uma parte desse poder e autoridade. Os defensores da deidade de Jesus citam esse texto associado a João 1:1 para dar a entender que ele, Jesus, teria o mesmo poder e autoridade de seu Deus e Pai. Devido a isso, é necessário fazer alguns reparos neste equívoco que eles nos colocam, embora eles nos acusem de “entrar na questão da deidade de Cristo, o que não era assunto até então” quando o principiator ou causador de tal arenga foram eles mesmos. Segundo os defensores da deidade de Jesus, teríamos entrado em contradição ao comentar João 1:1 em relação ao que dissemos sobre 17:5. Para eles “**se já possuía natureza divina**, mesmo que tenha outro papel em relação ao Pai, Ele, na glória, junto de Deus **era... Deus!**”, e embora um pouco hesitante de início, eles arrematam confiantes que “isto que ele afirmou já põe por terra uma das doutrinas do espiritismo, a negação da deidade de Cristo”, e esquece que antes do Espiritismo já existiam inúmeros setores do próprio Cristianismo que nunca aceitou essa deidade. Qualquer estudioso das escrituras sabe que ter “natureza divina” não significa ser igual a Deus. O próprio Jesus usou isso em sua defesa quando, semelhantemente aos defensores da deidade de Jesus, os fariseus o acusaram de se fazer igual a Deus. Disse ele:

*“Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? **Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida** (e a Escritura não pode ser anulada), àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?” (Jo 10:34,35)*

Em não raras ocasiões ele foi alvo de acusações desse jaez, e em todas as oportunidades se defendeu delas. As duas principais acusações dos judeus estão descritas em João 5:18, nestes termos: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque **não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.**” Ora, todos sabemos que ele próprio veio cumprir a lei e não abolir (Mt 5:17). Se violasse o sábado ou cometesse uma blasfêmia, estaria sendo um falsário, um mentiroso. Os apóstolos reconhecem que “Ele não cometeu pecado, **nem na sua boca se achou engano**” (I Pe 2:22), embora alguns ainda hoje insistam nessa absurda tese de que ao se dizer Filho de Deus, ele se fez igual a Deus.

Ao explicar João 1:1, ainda dissemos que “Logo no contexto, em João 1:18, diz que ninguém jamais viu a Deus, o verso 14 esclarece que o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, aquela mesma glória que ele tinha junto ao Pai”, ao que sofisma os defensores da deidade de Jesus e alegam que “primeiro tentam estabelecer que “ter a mesma glória” é diferente de “ter glória junto de”, e o texto comentado por ele refere-se à glória que vimos em Cristo **como a glória do unigênito do Pai**, como não pode-se interpretar que não seja a mesma glória?” Mas, sem dúvida é a mesma glória, a do unigênito do Pai. E, afinal, quem é este unigênito senão o próprio Jesus?

Recomendo a todos os interessados que acessem a revista Galileu e leiam a matéria “Como Jesus se tornou Deus” para que entendam um pouco mais sobre o histórico dessa controvérsia a ponto de saber que muito antes do Espiritismo, essa

suposta “deidade de Jesus” já era questionada, e muito. Para acessar e ler a reportagem, basta entrar e cadastrar o email. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT1080621-1706,00.html> [3]

7. Raciocínio lógico ou “tentativa desesperada”?

Num dado momento, o escrevinhador opositor da reencarnação vocifera: “posso considerar que há ou uma tentativa desesperada de negar o que escrevo, apenas para tentar ter meios de refutar o que expus sobre o termo “subir ao céu”, mesmo mudando o assunto, ou, então, apenas há uma **má compreensão das missões que cada um tem, Deus Pai e Deus Filho**. Prefiro ficar com a segunda opção”, e que bom que assim seja, pois isso mostra que sua busca pelo tortuoso caminho da Deidade tem um fim, qual seja o de negar aquilo que eu reafirmamos, e que ressalta óbvio no texto de João 3:13, seja do ponto de vista literal ou mesmo do ponto de vista figurativo. Em todos os casos os opositores da reencarnação se esbarram em dilemas, dos quais jamais se sairão ilesos, pois terão que optar por rejeitar a sua crença trinitária que abriga necessariamente uma alegada deidade de Jesus ou então riscar da sua Bíblia a incômoda passagem de João 3:13. E como ele disse que “na Terra, Jesus esvaziou-se a si mesmo para ser homem e, dentro desta linha de raciocínio, nada há que faça contraditório com João 17:3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste**”, podemos então riscar dessa trindade também aquela terceira pessoa que, segundo ele, não era o Pai e nem estava aqui na terra, o “espírito santo”. Jesus teve aí, uma boa oportunidade para se lembrar e parece ter se esquecido disso. Será que quando “se esvaziou”, tornou-se tão humano que esqueceu isso também? Para ele, o “único Deus verdadeiro” é unidade **simples**, formado por uma apenas única pessoa, o Pai.

8. A carta de Elias – II Crônicas 21:1, 12-15

Eis a passagem em análise:

Depois Jeosafá dormiu com seus pais, e foi sepultado junto a eles na cidade de Davi; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar. (II Cr 21:1)

Então lhe veio um escrito da parte de Elias, o profeta, que dizia: Assim diz o SENHOR Deus de Davi teu pai: Porquanto não andaste nos caminhos de Jeosafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá, Mas andaste no caminho dos reis de Israel, e fizeste prostituir a Judá e aos moradores de Jerusalém, segundo a prostituição da casa de Acabe, e também mataste a teus irmãos da casa de teu pai, melhores do que tu; Eis que o SENHOR ferirá com um grande flagelo ao teu povo, aos teus filhos, às tuas mulheres e a todas as tuas fazendas. Tu também terás grande enfermidade por causa de uma doença em tuas entranhas, até que elas saiam, de dia em dia, por causa do mal. (II Cr 21:12-15)

Outro texto que citamos é este acima, para mostrar que o arrebatamento de Elias, se prova alguma coisa, prova apenas que ele foi arrebatado (ou transportado) a

algum lugar e que não foi encontrado nos arredores, por aquelas pessoas. De acordo com o texto, cerca de dez anos após este arrebatamento, Elias ainda se encontrava vivo, em região próxima, embora fora do alcance de seus conhecidos. Os opositores da reencarnação alegam que “isto nada serve como prova, muito pelo contrário, pois, se ainda profetizou, é prova de que estava vivo, não tinha morrido, impossibilitando, até mesmo para a doutrina espírita, o reencarne em João Batista”. Segundo eles, essa carta de Elias ao rei Jeorão prova que ele estava vivo, e que isso seria um empecilho à sua reencarnação como João Batista. Concordamos com a primeira conclusão que para nós seria o “óbvio ululante”, embora isso nem de longe implique em sua imortalidade. Tivesse sido a carta escrita uma ou duas centenas de anos após, até poderíamos cogitar essa tese, mas passaram-se apenas dez anos, tempo que para ser percorrido não carece de nenhuma “imortalidade”. Os opositores da reencarnação, em sua conclusão, eles isolam nossas palavras, fazem elipses, expediente que nos leva a admirar a criatividade. Assim declaram: “e, sendo assim, alterando as palavras “forçoso é concluir que ele [João Batista]” não “passou pela morte””, e nem poderia deixar de ser, pois só havia passado dez anos desde o arrebatamento. E na oportunidade, já que estamos tratando disso, colocamos para refutação nossa análise cronológica do texto para provar aos leitores nossa tese.

Começando por II Reis 3:9-11, Josafá pergunta: "Não há aqui algum profeta do Senhor por quem consultemos ao Senhor?", ao que respondem seus servos: "Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias". Isso ocorre no 18º ano do reinado de Josafá e prova que Elias não estava mais presente neste ano, que equivale ao 1º ano do reinado de Jorão, filho de Acabe, sobre Israel (ver II Reis 3:1). Vamos ser otimistas e entender que Elias fora arrebatado naquele mesmo ano, um pouco antes daquela pergunta de Josafá, e agora voltemos à cronologia. De acordo com I Reis 22:42, Josafá reinou por 25 anos em Judá. Chegando a II Reis 8:16, podemos notar que houve um período de **co-regência** entre Josafá e seu filho Jeorão (aquele que recebe a carta), partindo do 5º ano do reinado de Jorão. Em II Crônicas 21:5 e 20, é dito que Jeorão reinou por 8 anos em Judá. No verso 19 de mesmo capítulo, fica claro que ele morreu 2 anos após receber a carta de Elias, o que indica que essa carta lhe chegou no 6º ano de seu reinado. Até aqui podemos concluir que Jeorão começou a reinar no 5º ano de Jorão (II Reis 8:16), e o 1º ano deste é o 18º de Josafá, ano em que Elias foi arrebatado. Considerando que o 5º ano de Jorão foi o 1º ano de Jeorão, e que o 6º ano deste equivale ao 10º ano do reinado de Jorão (que reinou doze), isso perfaz o cálculo de **dez anos**, entre o arrebatamento e a carta que Elias enviou ao rei Jeorão. Este é o tempo em que Elias ficou desaparecido.

Um outro fato importante a considerar é que se Josafá reinou por 25 anos, se o 18º ano foi o 1º ano de Jorão, e se Jeorão passou a reinar no 5º ano de seu reinado (Jorão), então, neste 5º ano Josafá já reinava por 22 anos, o que significa que ele morreu no 3º ano de Jeorão, cerca de três anos antes deste receber a carta. Pelo início da carta (II Crônicas 21:12), observa-se que Josafá já havia morrido, e isso confirma que essa carta foi escrita após a data dessa morte e não antes. Mais especificamente no 6º ano de Jeorão, como vimos.

Observemos como é colocada a questão cronológica:

Jorão reinou em **ISRAEL** de **852 a 841 a.C.**

Jeorão reinou em **JUDÁ** de **848 a 841 a.C.**

Isso foi muito antes de João Batista. Percebam os senhores que o ano 848 situa-se no 5º ano a começar de 852. Por ser a.C., a contagem é regressiva. Nessa mesma contagem, temos o 6º ano de Jeorão situado em 843. Isto significa que o arrebatamento teria sido em 852, e deste ano para 843 existe um intervalo de dez anos. É só contar nos dedos.

Para facilitar consulta dos leitores, relacionamos os textos que tomamos por referência:

II Reis 3

*1 Ora, **Jorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel, em Samária, no décimo oitavo ano de Jeosafá, rei de Judá, e reinou doze anos.***

*9 Partiram, pois, o rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edom; e andaram rodeando durante sete dias; e não havia água para o exército nem para o gado que os seguia. 10 Disse então o rei de Israel: Ah! o Senhor chamou estes três reis para entregá-los nas mãos dos moabitas. 11 **Perguntou, porém, Jeosafá: Não há aqui algum profeta do Senhor por quem consultemos ao Senhor? Então respondeu um dos servos do rei de Israel, e disse: **Aquí está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias.*****

I Reis 22

*42 Era Jeosafá da idade de trinta e cinco anos quando começou a reinar, e **reinou vinte e cinco anos em Jerusalém. Era o nome de sua mãe Azuba, filha de Sili.***

II Reis 8

*16 Ora, **no ano quinto de Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, Jeorão, filho de Jeosafá, rei de Judá, começou a reinar.***

II Crônicas 21

*5 **Jeorão tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém.***

*12 Então **lhe veio uma carta da parte de Elias, o profeta, que dizia: Assim diz o Senhor, Deus de Davi teu pai: Porquanto **não andaste nos caminhos de Jeosafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá;*****

*19 No decorrer do tempo, **ao fim de dois anos, saíram-lhe as entranhas por causa da doença, e morreu desta horrível enfermidade. E o seu povo não lhe queimou aromas como queimara a seus pais. 20 Tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém. Morreu sem deixar de si saudades; e o sepultaram na cidade de Davi, porém não nos sepulcros dos reis.***

Essa carta lança por terra a idéia de que Elias estava no céu. Afinal, como iria escrever e mandar uma carta de lá? Será que lá existe carteiro, papel e pena para escrever? No nosso entender, parece muito mais lógico, natural, que ele tenha sido arrebatado a outro lugar, embora na visão de quem fica, no caso Eliseu, seja para o

céu. Ele viu a decolagem, não o pouso. Com isso reafirmamos a nossa posição já colocada neste texto, de que este arrebatamento o transportou a uma região próxima, onde presumimos, ele pudesse passar seus últimos dias em paz, e de onde ele pudesse acompanhar os acontecimentos envolvendo seu povo.

9. Subida de Jesus – antes ou depois da encarnação terrena?

Voltando ao caso João 3:13, iremos agora discutir se o “subir ao céu” foi antes ou depois de seu “descer do céu”. Dissemos que, segundo o texto, Jesus foi o único que subiu, e se subiu é porque antes disso ele não estava lá, e os opositores da reencarnação retrucam que esse entendimento “estaria correto caso o sentido de “subir ao céu” fosse literal”. O problema é que em qualquer sentido, seja ele literal ou simbólico, a subida ocorre antes da descida. Isso está gramaticalmente correto, é questão de interpretação de texto. Para refutar essa evidência textual, os opositores da reencarnação nos dizem que “não há nada na Bíblia que infira que Jesus tenha tido um tempo de ignorância com relação ao conhecimento das coisas celestiais e não tenha sido semelhante ao Altíssimo anterior a sua primeira vinda, como homem”, mas para isto ser verdade seria necessário riscarmos da Bíblia essa passagem, e inserirmos alguma que prove que ele era “semelhante ao Altíssimo anterior a sua primeira vinda”, pois dos textos que mostram, verificamos que nenhum deles sustenta essa tese. Ademais, pensamos que os versos 11 e 12 são suficientes para esclarecer o sentido real de “subir ao céu”:

*Em verdade, em verdade te digo que **nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto**; e não aceitais o nosso testemunho! **Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como credeis, se vos falar das celestiais?** (Jo 3:11-12)*

Jesus falava a Nicodemos sobre coisas terrestres, mas **podia** falar de coisas celestiais. Não porque era “semelhante ao Altíssimo”, mas porque esteve lá no céu literalmente. Por isso podia falar de “coisas terrestres” e também de “coisas celestiais”. Não só porque sabe, mas, sobretudo porque **viu**, segundo a Bíblia.

10. Declaração de Jesus – É o não a prova mais persuasiva?

Como cristão, procuramos sempre tomar o cuidado de entender a opinião de Jesus como palavra final sobre qualquer assunto. Pode qualquer discípulo dizer o contrário ou mesmo interpretar erroneamente suas palavras. Seus discípulos nunca foram infalíveis neste ponto. E tanto é verdade que Jesus **prevendo isso**, nos deu um método a ser usado nestes casos (Ler Mateus 10:24). Para nós, a palavra de Jesus é a que se reveste da maior autoridade. Mas nem todos parecem aceitar na prática, essa metodologia.

Quando dissemos ser João 11:14 e Mateus 17:12 a expressão do entendimento de Jesus, bem como a prova mais persuasiva de que Elias morreu, os opositores da reencarnação nos dizem que “tal entendimento poderia ser usado se ignorássemos toda a Bíblia, ou pegarmos dela apenas o que convém” como se fosse necessário encontrar na Bíblia, em toda ela, confirmações sobre o que disse o Cristo,

para em cima delas validarmos as declarações do Mestre. Acreditamos que está havendo aqui uma inversão de valores, pois ao invés de julgar a Bíblia à luz dos ensinamentos de Jesus, o que se faz na prática é justamente o oposto. Felizmente, essa atitude não faz parte da metodologia espírita. Os opositores da reencarnação vão um pouco mais além, declaram em alto e bom som que “diante do que já expusemos neste texto, isto na verdade é **prova contrária** de que Elias é João Batista reencarnado” e assim bate de frente com Jesus. É o que discutiremos um pouco mais adiante.

III - Discutindo profecias

Acreditamos ser a profecia uma chave importante para entendermos melhor este assunto. Aliás, vamos ainda mais longe e dizemos que é a chave inicial para entendermos o tema. Na sequência, discutiremos esta chave inicial.

1. Malaquias – A chave inicial

Já mostramos a pouco a opinião abalizada de Jesus em relação à profecia contida em Malaquias, e agora vamos ver a profecia em si. Diz ela:

"Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição". (Ml 4:4-5)

Sobre isto, comentam os opositores da reencarnação que “os espíritas começam citando Malaquias 3:23-24 e Mateus 11:14, dizendo que tais profecias referem-se mesmo a Elias, e não um profeta semelhante”. Perguntamos a um judeu, profundo conhecedor do hebraico e do Tanách, se havia alguma brecha gramatical na profecia, que dessem margem a entendermos que o Elias da profecia poderia ser qualquer outro, desde que não fosse ele mesmo. A resposta do judeu é muito clara:

Não existe nenhuma "brecha gramatical", esta Inspiração D-vina refere-se ao Eliyahu, que tirará todas as dúvidas, pontos que não foram esclarecidos ou entendidos da TaNaKh, é desta forma que ele preparará a rota para Mashiach, quando todos terão o conhecimento pleno da Torah e não poderão se desculpar de nada.

O que significa que nenhum outro, que não o próprio **Eliyahu, o Inspirado**, pode preencher os requisitos dessa profecia. Mais adiante, ele nos diz que:

Vale a pena lembrar que milhões de Cristãos rejeitam a Doutrina da reencarnação e rejeitando esta Doutrina, João não poderia ser Elias.

Embora eu saiba (pois é o que consta na TaNaKh) que Eliyahu não morreu e portanto sua ruach não poderia ter encarnado, fiz tal comentário para mostrar aos Cristãos, que declaradamente negam a Reencarnação; que a única maneira de Yochanan o Imersor ser o Elias, seria se a ruach do mesmo houvesse encarnado em João .

Pensamos que isso dispensa maiores comentários. Não há dúvida de que, como todo judeu o Cícero entenda que Elias não morreu, e dentro desse prisma fica claro que somente "própria nefesh (pessoa) de Eliyahu é que prepara o terreno para Mashiach", o que também colide com a tese do "profeta semelhante ou qualquer outro" defendida pelos opositores da reencarnação, embora também acredite na imortalidade de Elias.

Vamos agora analisar Lucas 1:17 que, segundo os opositores da reencarnação, nós espíritas costumamos não mencionar. É o que veremos na sequência.

2. Lucas 1:17 - Seu verdadeiro sentido

No anuncio profético do nascimento de João, no texto de Lucas 1:17 diz o anjo:

*"E irá adiante dele **no espírito e virtude de Elias**, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto". (Lc 1:17)*

Este é um texto que fecha com a profecia de Malaquias, assim exposta:

*Eis que **eu vos enviarei o profeta Elias**, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR; E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição. (Ml 4:5-6)*

Embora os opositores da reencarnação se esforcem para provar a tese do "profeta semelhante" ou qualquer outro que possa salvá-los da encrenca, ficou aqui demonstrado que para ser cumprida a profecia necessária é que ela se cumpra com o próprio Elias (sua própria nephesh se vivo ou sua ruach se morto). Enumeramos os motivos porque entendemos tratar-se da ruach de Elias, ou seja, sua reencarnação como João Batista. Se os opositores da reencarnação entendem que Elias não morreu, para ser mais coerente a esta tese, a única forma de cumprir a profecia seria por meio de sua própria nephesh ou de um retorno pessoal, o que não foi o caso em se tratando de João Batista. Entendamos, portanto, que a expressão "**no espírito e virtude de Elias**" equivale a dizer "**o profeta Elias**", o que justifica o arremate categórico do Mestre: "**João é o Elias que havia de vir**", ou seja, sua própria ruach.

3. O profeta Elias x Um profeta semelhante

Para os opositores da reencarnação, João Batista não é Elias, mas apenas um "profeta semelhante". Essa incoerência foi devidamente apontada pelo judeu ortodoxo nas linhas acima reproduzidas. Quando explica esse texto, entendem os opositores da reencarnação que todos os outros devem gravitar em torno deste, como se esta fosse a referência única, exclusiva, inteiramente isolada, do chamado Novo Testamento sobre a vinda de Elias. Eles defendem que "o próprio versículo diz "no espírito", pois

se o texto fosse tratar de reencarnação de Elias, ele teria que estar escrito assim: "com o espírito". A frase "no espírito de Elias" denota "no mesmo ímpeto, semelhante", e se fosse o mesmo espírito não precisaria relatar a virtude, porque ela estaria já está embutida no próprio espírito", e dessa forma como dissemos, eles colocam todas as demais referências claras e inequívocas sobre o tema sob a camisa de força de um único texto interpretando erroneamente que "no espírito e virtude" deva significar qualquer coisa, desde que não seja uma reencarnação. Se conforme eles nos dizem, a virtude "já está embutida no próprio espírito", torna-se desnecessária a menção desta no presente texto, uma vez que o mesmo texto diz "no espírito". Mas se ele pretende mesmo "explicar que todas as referências, juntas, complementam-se e se fazem entender", deverão aceitar o fato indesculpável de que esse texto seja entendido à luz de Malaquias e da opinião indiscutível do Mestre. E segundo estas, somente Elias (e não um "profeta semelhante") é capaz de cumprir a profecia. Somente sim podemos entender que todas as referências, juntas, complementam-se e se fazem entender.

4. Mateus 11:14,15 – O entendimento do Mestre

Chegamos aqui, ao ponto mais importante dessa discussão, para onde deve convergir toda nossa atenção: o entendimento do Mestre. Fiz comentários citando um pedaço desse verso. Mas vejamos a íntegra:

E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Mt 11:14-15)

Dentro deste assunto, podemos notar que, não obstante o tamanho quilométrico de respostas dadas pelos os opositores da reencarnação, a fragilidade de suas premissas ainda permanecem. Este caso é um exemplo clássico disso, pois encontramos a "refutação" ao nosso entendimento acerca das palavras de Jesus. Dizem os opositores da reencarnação que "Jesus afirmou que João Batista foi o Elias, **o que é bem diferente do que afirmar** que isto significa "João Batista é o (ou seja, o próprio) Elias que havia de vir". Ou seja, na visão fértil e imaginosa dos opositores da reencarnação, quando Jesus disse que João era **o Elias**, com isso ele quis dizer tudo, menos que João era **o Elias**. E assim, eles buscam inverter as coisas e induzir em erro seus leitores, para entenderem justamente **o oposto** daquilo que foi dito e pretendido pelo Mestre.

Ora, de que adianta escrever páginas e páginas, que mais tendem a cansar e enfadar leitores, para chegar ao **ponto chave** e cometer tamanha gafe? De nada adianta isso. A fragilidade está aí, para todos verem.

Jesus não só previu como se adiantou a esse tipo de atitude, daí porque nos diz o que está no verso 15. Nem todos estariam em condições de aceitar certas verdades.

5. Mateus 11:17,15 – João Batista como cumpridor da profecia referenciada a Elias

Encontramos na passagem abaixo a referência que Jesus faz a João Batista, como cumpridor da profecia referenciada a Elias. Vejamos:

Mt 11,7-15: *“O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. **E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça**”.*

Após esta afirmativa de Jesus de que **“É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’**”, entendemos que a referência à Escritura é exatamente a profecia de Malaquias que previa a volta de Elias antes da vinda do Messias, isso significa que João Batista é a reencarnação de Elias, fato confirmado por Jesus em Mt 11,14: *“... é este [João Batista] o Elias que havia de vir”* e que, conseqüentemente, Jesus é o Messias esperado.

6. Os ministérios de João Batista e de Elias

Ao argumento dos ministérios, respondemos que a semelhança destes serve mais como prova de que se trata do mesmo ruach ou da mesma identidade espiritual. Diante disso, os opositores da reencarnação nos trazem mais uma de suas "pérolas" de afirmações gratuitas, destituídas do mais leve fundamento. Vejamos como eles nos respondem: "Com relação aos frutos dos ministérios, que o espiritismo entende tratar-se da mesma identidade espiritual, mais uma vez nota-se o grande abismo entre o cristianismo e o espiritismo, visto que João Batista pregava o arrependimento nesta vida, e não preparações para sucessivas reencarnações", como se "arrependimento nesta vida" fosse algo estranho aos postulados espíritas. Sugerimos a eles que estudem um pouco mais sobre o assunto. Como podemos constatar, argumentos desse tipo, amalgamado a inverdades e cavilações, não refutam em nada o que dissemos sobre o paralelo entre identidade e semelhança de ministérios.

7. O carma de João Batista – Verdade ou mentira?

Um dos pontos contestados pelos opositores da reencarnação foi a nossa afirmativa de que até o carma que Elias contraiu ao mandar executar os 450 sacerdotes de Baal (I Reis 18:22 e 40), na disputa para ver qual Deus era mais poderoso que o do outro, foi cumprido por João Batista, quando morre executado por ordem de Herodes. (Mateus 14:11). Citamos como exemplo de carma ou "lei de causa e efeito", o texto de Mateus 26:52. A resposta dos opositores da reencarnação foi esta: "Este texto e **nem na Bíblia inteira encontramos uma inferência sequer** a uma

suposta "**lei do carma**". Diante desse quadro, trouxemos à baila inúmeras outras referências, tiradas todas da Bíblia, ao que eles nos dizem em sua resposta que "refutamos de imediato os versículos apresentados de **I Reis 18:22 e 40, Mateus 14:11 e 26:52** e, como vimos, **nada a declarar**". Vejamos os textos:

1º Texto: Elias manda degolar os falsos profetas

I Reis 18:22 e 40

22 Então disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinqüenta homens.

*40 Então Elias disse a eles: "Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum". E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e **aí os degolou**.*

Resposta dos opositores da reencarnação: Nenhuma.

2º Texto: Constatamos o mesmo acontecendo a João Batista

Mateus 14:11

*10 E mandou **degolar João** no cárcere.*

11 E a sua cabeça foi trazida num prato, e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe.

Resposta dos opositores da reencarnação: Nenhuma.

3º Texto: ***Mateus 26:52***

*52 Então Jesus disse-lhe: **Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.***

Resposta dos opositores da reencarnação: O texto citado em apoio, Mateus 26:52, diz sobre a autoridade estabelecida como "ministro de Deus" (Rm 13:4) a estabelecer uma pena por um delito, no caso em questão, a pena de morte vigente (olho por olho - dente por dente), que fora alertado por Cristo a Pedro, que usou, literalmente, sua "espada" contra o soldado romano.

Refutação: Estariam **provavelmente** certos na resposta **se em nenhum outro lugar a Bíblia falasse acerca desse princípio**. Então poderíamos **elucubrar** em cima disso, e supor que fosse mera alusão circunstancial, por força de "lei vigente da época". O ocorrido a João Batista foi o cumprimento da lei do carma, e ela se traduz neste princípio: "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão". Sobre esse texto, faremos uma pergunta à qual pretendemos responder mais adiante. A pergunta é:

Diante da existência de outras referências, quando Jesus disse "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão" (Mateus 26:52), ele o fez apenas levando em conta a "pena de morte vigente" (como defendem os opositores da reencarnação) ou será que aproveitou a ocasião e expôs um princípio?

Acreditamos que a verificação das referências nos ajuda a elucidar o caso, daí porque trouxemos todas elas. Comentaremos Mateus 7:12 argumentando que aquilo que fizermos aos semelhantes estaremos fazendo a nós mesmos. Dissemos ainda que Jesus aconselhou a prática do bem para que fôssemos desse bem merecedores, porque a paga divina acontece a cada um **segundo as suas obras**, e com tudo isso

parecem concordar, à exceção de que "tudo isto é nesta vida, enquanto ainda podemos achá-lo (Is 55:.), pois tal retribuição nesta vida ou em vida futura não é, definitivamente, a lei do carma e o que trata o texto de Mateus 7:12, assim como todas as demais referências citadas das Escrituras". As passagens que citamos foram estas: Jó 34:11; Salmo 28:4; Provérbios 12:14;24:12,29; Isaías 3:11; Lamentações 3:64; Ezequiel 18:20; 33:20; Eclesiástico 16:15; Mateus 16:27; 26:52; Romanos 2:6; II Coríntios 5:10; 9:6; 11:5; Gálatas 6:7; II Timóteo 4:14; Tiago 2:24; I Pedro 1:17; Apocalipse 2:23; 13:10; 22:12. Cabe aqui esclarecer que ao dizermos "lei do carma" ou "lei de causa e efeito", estamos falando justamente da lei de retribuição "segundo as suas obras" consagrada pelas escrituras, e, portanto, repetindo este mesmo princípio contido em todos os versos acima. Este princípio é universal e, quer aceitemos ou não, estamos sujeitos a ele. Uma pessoa pode, por exemplo, não aceitar a lei da gravidade, e, no entanto, isso não impede que ela recaia se acaso ela quiser desafiar e comprovar a inexistência dessa lei. Embora os opositores da reencarnação relutem em aceitar a "lei do carma", este é e sempre será o **critério de julgamento** a ser usado não somente nesta vida, mas também em vida futura. Esta lei afeta, e muito, a vida futura. Estando de posse desses dados, e desfeitos todos os equívocos, pensamos que agora podemos pegar a explicação dos opositores da reencarnação sobre Mateus 26:52, ver se ela é de fato circunstancial e se isso ressalta em todos os textos citados. Isso ajudará o leitor a tirar suas próprias conclusões, na resposta à pergunta formulada. Ficamos com a segunda alternativa: Jesus aproveitou a ocasião e expôs um princípio.

8. Elias, Eliseu e João Batista

Voltando aos comentários sobre Lucas 1:17, os opositores da reencarnação se esforçam por associar a expressão "com o mesmo espírito" ao texto de II Reis 2:15, onde se diz que " **O espírito de Elias repousa sobre Eliseu**". Eles nos dizem, que em "relação à expressão **com o mesmo espírito**", que também encontramos em II Reis 2:15, e que significa "no mesmo ímpeto, semelhante" e que reforça a tese de que João Batista desempenharia o mesmo ministério de Elias, com o mesmo ímpeto e força deste". Os opositores da reencarnação ainda alegam que "o próprio versículo diz "no espírito", pois **se o texto fosse tratar de reencarnação de Elias**, ele teria que estar escrito assim: "**com o espírito**", Mais adiante, uma das crenças dos opositores da reencarnação é que "as expressões "com o mesmo espírito" são as mesmas com relação a Elias e Eliseu". Já vínhamos discutindo há tempos e mostrando a inocuidade do argumento apresentado. Basta-se verificar os dois textos para constatar que a expressão "com o mesmo espírito" só existe em Lucas. Trata-se de outra conotação. No primeiro caso, o de II Reis, podemos sim concordar com os opositores da reencarnação, mas no segundo trata-se do cumprimento de uma profecia, a qual já foi demonstrado, somente Elias pode cumprir. O texto de Lucas, devidamente analisado e **comparado** a textos paralelos que tratam do mesmo assunto: a vinda de Elias, mostra uma riqueza de significado muito além da que pretende os opositores da reencarnação, e já mostramos o alcance disso, que vai muito além de significar meros "profetas semelhantes".

9. Expressões idênticas? Contextos idênticos ou diferentes?

Iremos discutir este tema, com base em quatro pontos, aos quais enumeramos abaixo:

PONTO 1: Não podemos comparar coisas situadas em contextos diferentes, especialmente para forçar uma palavra ou expressão a ter forçosamente o mesmo sentido em todos os textos. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que “o contexto histórico é diferente, mas as expressões, no contexto bíblico, idênticas, e denotam que Eliseu substituiria Elias à altura, tendo o mesmo ímpeto deste. Repare que isto ocorre imediatamente após o arrebatamento de Elias pois, antes deste evento, ele divide as águas ao meio (II Reis 2:8) e, logo depois do arrebatamento semelhante feito, da mesma forma, sucede com Eliseu (II Reis 2:14)”. Em resposta, temos como as tais "expressões idênticas" não existem no contexto bíblico. Ainda falta aos opositores da reencarnação prová-las, porque em todas as traduções a que recorreremos não encontramos o que eles chamam de "expressões idênticas".

Que os leitores abram suas Bíblias nos dois textos: II Reis 2:15 e Lucas 1:17, e acompanhem nosso raciocínio. No primeiro texto temos a expressão "o espírito de Elias repousa sobre Eliseu", o segundo diz que "irá adiante dele no espírito e virtude de Elias". O primeiro texto menciona personagens contemporâneos: Elias e Eliseu. O segundo menciona personagens que viveram em épocas distintas, separadas por um hiato de vários séculos: Elias e João Batista. O primeiro texto elimina qualquer possibilidade de reencarnação, pelo fato de os personagens serem contemporâneos, e também elimina a possibilidade de influência de um morto sobre um vivo, haja visto que para isso Elias teria que, por óbvio, estar morto e isso é desmentido por sua carta enviada ao rei Jeorão anos após, conforme já deixamos devidamente comprovado. O segundo texto não elimina a possibilidade de reencarnação, porque os personagens não são contemporâneos, um existiu séculos antes, outro estava por nascer. O que até o momento seria mera hipótese passa a ser fato, a partir do momento em que o anjo declara nele o cumprimento de uma profecia de Malaquias, e esta profecia como vimos não abre margem à possibilidade de algum outro, que não seja o próprio Elias, vir cumprí-la. Jesus também interpretou a profecia dessa forma. E tudo isso também foi devidamente discutido. O que os opositores da reencarnação entendem como "expressões idênticas" só poderia ser, na melhor das hipóteses, um significado implícito e aceito em ambas as passagens, o de ter "o mesmo ímpeto", embora no segundo texto **não podemos nos ater somente a este significado** sem violar os quesitos da profecia, e por ela estar associada a outros textos que confirmam reencarnação. Os opositores da reencarnação mencionam que "entendemos ser os frutos dos ministérios prova inequívoca de que se trata da mesma identidade espiritual" e ignoram que no nosso entender isso depende de uma convergência de vários outros relatos, fato que inexistente para o caso de Eliseu. É o que discutiremos no ponto seguinte.

PONTO 2: Um foi o caso de Elias e João Batista, aliás corroborada por uma convergência de vários outros relatos que apontam para a mesma direção:

reencarnação. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que é “estranho que tal convergência de vários outros relatos são apenas utilizados quando convém, por isso a tentativa de fugir o máximo que se pode **da mesma expressão** "com o mesmo espírito" de Elias que se encontrava em Eliseu, pois reparem que exatamente após o evento descrito acima do arrebatamento, os filhos dos profetas descritos no versículo seguinte identificaram Elias em Eliseu (o espírito de Elias repousa em Eliseu), não como reencarnação, é lógico, algo que nem mesmo o espiritismo atribuiria pois conforme esta doutrina Eliseu já teria o seu desencarnado mas, sim, como desempenhando uma função semelhante”. Contudo não há qualquer tentativa nossa de "fugir o máximo que se pode **da mesma expressão** "com o mesmo espírito" de Elias", mesmo porque já comprovamos que essa "mesma expressão" inexistente nos dois textos. Quando se falou de alguém contemporâneo, dizendo, por exemplo, que "o espírito de Elias repousa em Eliseu", não houve identificação de "Elias em Eliseu", porque isso não significa que Elias é Eliseu ou vice-versa. Não existe para isso a convergência de vários outros relatos, que mencionamos em relação ao que ocorre com João Batista. Portanto, o argumento apresentado pelos opositores da reencarnação cai por terra, primeiro porque visava combater a convergência de vários outros relatos embora nada tenha apresentado contra isso, segundo por ser imprópria a comparação, haja visto a falta dessa mesma "convergência" para um dos casos.

PONTO 3: Forçoso é querer ou pretender que o texto em lide sobre Elias e Eliseu implique, através de um grosseiro truque de retórica, em reencarnação. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que “queremos que eles entendam que os textos falam sobre reencarnação, mas não é o que foi apontado nos pontos 1 e 2”. Contudo, neste ponto, o que chamamos truque de retórica é o argumento, segundo o qual ao se entendermos Lucas 1:17 como reencarnação seríamos forçados a entender de que a expressão de II Reis implicaria igualmente em reencarnação. Nas explicações contidas nos pontos 1 e 2, de fato eles não disseram isso. Mas disse na resposta que motivou nossos comentários, como um truque de retórica, resposta essa colocada com um "apanhado geral". Segue o trecho: “Portanto, **se formos interpretar com o mesmo espírito, como sendo uma prova de reencarnação**, ficará difícil para o espiritismo provar como Eliseu, que viveu a mesma época de Elias e, segundo a doutrina que professa, já possuiria o seu "desencarnado" nele encarnado, **poderia ser reencarnação também de Elias**”. Embora seja um ardil que muitas vezes confunde leitores é o uso de falsas premissas. Tal é o caso acima, no qual os opositores da reencarnação fazem uso de premissa falsa para induzir ou sugerir aos leitores de que para o espiritismo o uso da expressão "com o mesmo espírito" seria, de per si, uma prova de reencarnação, o que não é o caso, uma vez que no parágrafo anterior da mesma mensagem, eles mesmos reconhecem não ser este o argumento espírita, além do que no texto por ele citado a expressão é inexistente. Vejamos: “logo após o arrebatamento, vamos encontrar em I Reis 2.15 que "O espírito de Elias repousa sobre Eliseu". Pode-se interpretar de forma literal essa passagem? Não! **Não se tratava de reencarnação, nem mesmo para o espiritismo**, pois além deles terem vivido na mesma época, segundo esta teoria Eliseu já possuiria o seu "desencarnado" nele encarnado e, portanto, não poderia ser reencarnação do outro”. Pensamos serem suficientes estes fatos, para elucidar o que dissemos sobre o truque de retórica. Se continuarem insistindo sobre entendimentos

não aceitos pelo Espiritismo para combatê-lo, ainda que à nível de hipótese, tal fato não passará daquilo que dissemos: um truque de retórica, apenas.

PONTO 4: Seria mais fácil ao nosso opositor tentar encontrar pêlo em ovo ou chifres em cabeça de cavalo, pois certamente não encontrará na Doutrina Espírita semelhante descabro. Precisamos analisar cada texto dentro de seu contexto, o bom senso assim o exige. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que **“com certeza a doutrina espírita não prega que Eliseu seja a reencarnação de Elias**, também não afirmamos isto, nossa colocação foi a de que **se formos pegar literalmente a expressão** "com o mesmo espírito" e os frutos dos ministérios como sinônimo de mesma identidade espiritual, terá o espiritismo dificuldade com o texto de II Reis 2:14 e os personagens bíblicos Elias e Eliseu, que viveram na mesma época e não podiam ser um reencarnação do outro. Por conta disto entendemos que não é a toa que os espíritas tentam desassociar as mesmas expressões”. Embora, é por isso que não podemos associar as duas expressões, exatamente por não serem as mesmas e por tratarem de casos diferentes, situados em contextos diferentes. Sendo assim, por constatarmos igualmente a falta de toda aquela mesma "convergência" para o caso de Elias e Eliseu, podemos descartar por completo a existência dessa tal "dificuldade". Se a doutrina espírita não prega que Elias reencarnou em Eliseu, fica confirmado que não se encontra nela semelhante descabro, sendo isto apenas invenção dos opositores da reencarnação.

IV - A salvação de todos

Trataremos agora de outro desdobramento do debate, a salvação de todos. Segundo os salvacionistas, isto é algo que a Bíblia não ensina. É isto o que discutiremos na sequência.

1. Razão infalível – será mesmo?

Sugerimos aos opositores da reencarnação uma visão mais racional das coisas, em resposta eles dizem que “os espíritas correm o risco até de contradizer o codificador da doutrina em que professam sua fé, estampada na frase de Kardec: **“O homem que julga infalível sua razão está bem próximo do erro**”, e de fato correríamos este risco se achássemos infalível nossa própria razão, motivo pelo qual pedimos a eles uma visão mais racional do que a nossa. Eles prosseguem: “Sendo assim, o mesmo parte de uma premissa da qual entendo que não fugirá”, e nem preciso mesmo fugir dela, pois com essa premissa eles mesmos concordam ao citar a frase de Kardec que trazemos em nosso estudo. O que talvez não concordamos é sobre a relação razão x discernimento, o que discutiremos na sequência.

2. Discernimento espiritual – acima ou abaixo da razão?

Embora os opositores da reencarnação concordem com a razão não infalível, eles alegam que ao pedir isso, estamos contrariando, de imediato, a Bíblia, na qual afirma que todas as coisas espirituais são discernidas espiritualmente (I Cor 2:14-15, Hb 4:12), e assim nos levam a deduzir que "discernimento espiritual" precisaria ser contrário à razão, ou estar abaixo dela, para ser o que é. Acreditamos que o "discernimento espiritual" pode transcender nossa razão, ou estar acima dela, mas nunca contrariá-la. As passagens que eles citam em seu apoio não sustentam essa possibilidade. O primeiro texto não diz que o "discernimento" seja contrário à razão, mas sim à falta de compreensão das coisas espirituais. A compreensão de alguma coisa está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o "homem natural" que não está disposto a aceitar "coisas espirituais", tampouco buscará compreendê-la, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer a sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus "cinco sentidos", mas para fazer isto é necessário usar o raciocínio, aliado ao desejo de aprender e assim assimilar novos conhecimentos. Já o segundo texto fala em "discernir os pensamentos e intenções do coração", e isto em nada vem a ser um obstáculo ao uso da razão.

3. Soberania e “vontade permissiva”

Fizemos comentários da visão dos opositores da reencarnação sobre o que eles chamam de “vontade permissiva do Pai”. Dissemos que “quando se afirma que o Pai quer a salvação de todos, isto não significa, de fato, aquilo que ele diz querer. E com esse malabarismo de palavras, parece estar a concluir que a vontade do Pai é assim como a de certos chefes de governo, sem força, sem prestígio, sem moral. Nossa visão é diferente, e até que se ofereça uma visão mais racional das coisas, pensamos que não há salvação de penas eternas, assim como não há condenação irremissível. A condenação consiste em permanecerem os homens em trevas espirituais, enquanto as suas obras forem más (Jo 3:19). Porque não sabem o que fazem. Deus perdoará os maus no dia em que se voltarem para Ele dispostos a corrigir seus erros, e assim cumprir-se-á seu beneplácito: **Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade (I Tm.2:3,4)**. Ora, o que Deus quer, fatalmente se realiza, porque a Sua Vontade é Suprema, não está sujeita às contingências próprias da vontade humana. Podemos "querer", mas de quantas coisas depende a realização da nossa vontade! Assim, o nosso "querer" não passa de um "desejo" nem sempre realizável, porque sujeito às limitações inerentes à nossa imperfeição. Porém a vontade de Deus é causa geradora, do contrário não seria perfeito, e tampouco exerceria alguma Soberania. E é inadmissível a mais leve restrição à Sua **Soberania**, daí o afirmarmos que tudo o que Ele quer necessariamente acontece: *Eu sou Deus; também de hoje em diante, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá? (Is 43:13)*. Por acaso operaria Deus **contra** a sua Vontade? Absolutamente não, como já mencionamos novamente repetimos, Deus jamais violaria Sua própria Soberania, pois **Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá. (Mt 12:25)**. De modo que, repetimos: **Toda a terra se converterá ao Senhor e todas as nações adorarão a sua face. (Sl 22:27)** Agora

vamos à análise desse texto.” E na contra-proposta disso tudo, que ele chama de "vontade permissiva", nada apresentam de argumentos senão apenas citações, como se estas por si resolvessem o problema lógico e conceitual que disso decorre.

4. Mateus 25 e as “penas eternas”

Os opositores da reencarnação alegam que abandonamos na continuidade do debate, sobre o julgamento das nações em Mateus 25, negligenciando, é claro, o texto final em que fala da condenação **eterna** aos que não estiverem à destra do Pai. Eles presumem que “abandonamos” o tema por não ter, segundo eles, dado respostas à altura da “explicação” oferecida por eles. Vamos relacionar o que eles dizem sobre o texto, e ver se em algum momento ele refutam mesmo o que dissemos. Dizem eles: “quero afirmar aqui que aceito Mateus 25:31, assim como aceito Mateus 7:22-24. Os cristãos, salvos pela fé e preparados para as boas obras, aqueles que não negligenciam o amor ao próximo, mas também sabem que **apenas isto é insuficiente para sua Salvação**, a estes, conforme Mateus 25:34 possuirão “por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. A estes, no julgamento das nações (que é o tema de Mateus 25:31-46), será concretizada a posse do reino preparado desde a fundação do mundo. O que ocorre é que a resposta contradiz escandalosamente o cerne da questão esclarecida pelo texto, pois o motivo de possuírem esta “herança” é justamente o que se encontra exarado nos versos 36 e 37: “porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber;...”. Este era o motivo, a causa única da salvação apresentada pelo Cristo na parábola. E com o agravante de que eles (os justos) nem sabiam **por que** estavam salvos: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? quando... quando... quando? Até aqui, nada dizem os opositores da reencarnação para combater o que dissemos sobre não existirem “penas eternas” e “condenação irremissível”. O assunto ali tratado era outro, discutíamos sobre “salvação pelas obras”, o que pelo tamanho da resposta e por não achar conveniente ao cerne deste estudo achamos por bem não comentar. Ademais, existem textos que já abordam estes outros temas: “**A fé sem obras está morta**”, “**Seremos salvos ou temos que nos salvar?**” e “**Reencarnação ou Penas eternas?**”.

Mesmo assim, comentarei sobre “penas eternas” porque ele parece estar se referindo aos versos abaixo:

*41 Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o **fogo eterno**, preparado para o **Diabo e seus anjos**;*

*46 E irão eles para o **castigo eterno**, mas os justos para a **vida eterna**.*

Os salvacionistas haviam dito que “É incrível como o ensino do espiritismo se contradiz numa mesma passagem, em tão poucas linhas. Primeiro o codificador da doutrina espírita diz, conforme vimos mais acima”. Destacamos nos versos, e comentaremos o que eles pensam ser “contradição”. A polêmica questão acerca do

“diabo e seus anjos” já estão em refinadas, discutidas e amplamente relatadas no nosso texto: “**Satanás, quem é? Demônios, quem são?**”.

5. Existe condenação irremissível?

Embora a questão das “penas eternas” já tenha um texto específico (e **citado**), faremos uma breve digressão sobre o caso. Os opositores pretendem que à palavra “eterno” ou “eterna” subentenda-se uma condenação irremissível. O que significa condenação eterna, fogo eterno e vida eterna nestes textos? Para responder a isto é sempre bom verificar o que outras passagens dizem sobre isso. Em Judas 7, por exemplo, está escrito que Sodoma e Gomorra “*foram postas como exemplo, **sofrendo a pena do fogo eterno***”, e Pedro diz que “*reduzindo a cinza as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, havendo-as posto para exemplo aos que vivessem impiamente*”. Isso significa que não estão queimando até hoje, do que podemos concluir que “fogo eterno” significa “destruição”. É claro que não é destruição definitiva, pois isto seria uma condenação irremissível e de acordo com Jesus, “*...haverá menos rigor para a terra de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade*”. Sendo assim, a expressão “fogo eterno” não pode ser tomada literalmente. Em Filemon aparece a expressão “para sempre” (vs.15) e se refere ao tempo de vida de uma pessoa, no caso o escravo Onésimo. Isaías 34: 9, 10 nos diz que:

9 E os ribeiros de Edom transformar-se-ão em pez, e o seu solo em enxofre, e a sua terra tornar-se-á em pez ardente.

10 Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá; de geração em geração será assolada; pelos séculos dos séculos ninguém passará por ela.

É sabido que os edomitas desapareceram à séculos. Obadias 16 deixa claro que isso provocou uma total destruição. Jeremias 17:27, em profecia contra Jerusalém, fala o profeta em fogo que seria aceso e “não se apagará”, e isto se cumpriu de acordo com os relatos de II Crônicas 36:19 a 21 “*para se cumprir a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias, até haver a terra gozado dos seus sábados*”. Em Isaías 32:14-15 encontramos “para sempre” com duração de prazo limitado, ou seja, “até que” alguma coisa viesse a ocorrer. O texto diz:

*“Porque o palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; e o outeiro e a torre da guarda servirão de cavernas **PARA SEMPRE**, para alegria dos asnos monteses, e para pasto dos rebanhos; **ATÉ QUE** se derrame sobre nós o espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque.”*

Acreditamos que estas amostras, acima, são suficientes para implodir e “reduzir a cinzas” o dogma imoral das “penas eternas”, pois agora temos uma dimensão mais aproximada do significado de palavras mal traduzidas e que não exprimem corretamente em nossa língua o seu sentido original.

Existe todo um dilema em torno deste dogma, pois segundo as “penas eternas” no inferno são **nivelados** os grandes e pequenos criminosos, os culpados de

momento e os reincidentes contumazes, os endurecidos e os que não tiveram tempo de se arrependem. Além disso, nenhuma oportunidade de escape se oferece; a falta momentânea pode acarretar uma condenação eterna e, o que é pior, qualquer benefício que porventura hajam feito de nada lhes valerá. Ora, como ficaria neste caso a aplicação do critério ratificado por Jesus: **a cada um segundo as suas obras?**

Aos que não creem em Jesus, é verdade, nada mais resta do que a condenação, mas esta nunca tem caráter irremissível, e nela permanecem os culpados “para sempre”, entenda-se, somente “*enquanto não pagares o último ceitil*” (Mt 5:26). Passaremos agora ao outro argumento apresentado pelos opositores da reencarnação: o “verso áureo” de João 3:16.

6. O verso áureo e a “vida eterna”

Este verso é um dos mais conhecidos da Bíblia. Está em João 3:16 e assim nos diz:

*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que **todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.** (Jo 3:16)*

Qual é o sentido de “perecer” e “vida eterna”? Algumas reflexões se fazem necessárias para isso. O texto começa dizendo que Deus possui um grande amor por nós, e isso o levou enviar seu Filho. Existe uma condição a ser cumprida para não perecer: crer nele. Mas crer em que? É claro que este crer se refere a seus ensinamentos, pois do contrário sua vinda a este plano e sua morte teria sido em vão. Aquele que crê em seus ensinamentos, recebe a “vida eterna” ou “vida imanente”, que é uma vida de comunhão espiritual com ele, uma vida de qualidade, voltada à verdadeira adoração. O sentido de “vida eterna” não tem a ver com duração, pois isso induziria a crer que quem não cresse não teria a vida eterna e, portanto, seu espírito seria destruído, aniquilado. Mesmo admitindo o absurdo do “castigo eterno”, ainda assim o espírito teria a vida eterna, embora não crendo em Jesus. Por isso, o sentido não tem a ver com duração, e sim com qualidade, com a verdadeira adoração. Se buscarmos, veremos que o sentido de “vida eterna” é dado pelo próprio Jesus, no evangelho de João, que é o que emprega mais vezes essa expressão (25 vezes, contra 20 em todos os demais livros do chamado NT). Ele a define dessa forma:

*“**E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste**” (Jo 17:3).*

Esse texto nós já havíamos comentado anteriormente. Juntando as duas passagens, percebemos que “todo aquele que nele crê” deve possuir uma correta noção sobre Deus e sobre Jesus, sabendo de antemão que a verdadeira adoração a Deus envolve a rejeição peremptória de teorias esdrúxulas como a trindade ou unicidade, uma vez que Deus e Jesus são pessoas distintas, um é maior e mais poderoso do que o outro, e apenas um deles (e não dois ou três) cumpre o papel de “**único Deus verdadeiro**”. De acordo com salvacionistas, “Cristo condiciona a vida eterna a quem crê, e alguém crê nesta vida, e logo após compara que quem não crê já está julgado”, o que significa que eles, os salvacionistas, já está julgado, porque não

crê de acordo com os quesitos exarados pelo Mestre em 17:3 e, por conseguinte, ainda não possui a “vida eterna”, está fadado a continuar perecendo como perecia os “donos da verdade” daquela época, inimigos de Cristo. Como podemos ver, o “verso áureo” embora seja mais um texto lançado contra o Espiritismo, traz uma verdade que longe de apoiar as tão famigeradas “penas eternas”, tem efeito de um tiro que lhe sai pela culatra.

7. “Enquanto se pode achá-lo” – quanto tempo dura e o que significa?

Um dos argumentos usados a favor da graça divina com "prazo de validade" é Isaías 55:6. O texto diz:

"Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto." (Isaías 55:6)

Naturalmente, entendem alguns que tal prazo se extinguiria com a morte física. Dessa forma estaria firmada a tese da vida única e, destarte, poderíamos rejeitar as vidas sucessivas. Esta é a óptica dos salvacionistas e tantos outros que, ao que parece se arvoram em "paladinos da verdade" para combater um dos pilares do Espiritismo que mais os preocupa: a reencarnação. Este é o argumento: "Se Cristo condiciona a vida eterna a quem crê, e **alguém crê nesta vida**, e logo após compara que quem não crê já está julgado, claro está que Cristo nos dá ensinamentos para serem observados enquanto ainda se pode achá-lo (Is 55:6)". Em primeira instância, podemos dizer que a frase "**alguém crê nesta vida**" é um ingrediente necessário colocado pelos salvacionistas, com o fito de dar um pouco de suporte às suas pretensões em relação ao texto de Isaías. Se o espírito sobrevive e permanece consciente após a morte, é claro que essa premissa, presumimos que seja aceita pelos salvacionistas, estes creem pode ser agora ou após, nada há que impeça uma pessoa consciente de crer. Consciência pressupõe a capacidade de reflexão, e esta o poder de tomar ou de mudar decisões, este poder é requisito indispensável para alguém crer ou não em alguma coisa, e mesmo se arrepender. Havíamos dito que a condenação consiste em permanecerem os homens em trevas espirituais, enquanto as suas obras forem más (Jo 3:19), ao que os salvacionistas retrucam que “neste contexto, mais uma vez ignorado, mostra que se as obras continuarem más, nada mais resta do que a condenação, uma vez que **quem não crê em Cristo em vida já está julgado**; porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. (v. 18)”, e para dar suporte a isto eles acrescentam o argumento retrocitado. O problema é que ali nada se diz de que o ato de crer seja limitado a esta vida, mas como dissemos e repetimos, é acréscimo dos salvacionistas. O argumento que apresentamos continua válido. Basta a qualquer pessoa ler os versos 18 e 19. O verso 18 diz que quem não crê já está condenado e o 19 explica o porquê: "porque as suas obras eram más", ou seja, aquilo que havíamos dito. O texto não diz que essa condenação é eterna, e Isaías 55:7, verso seguinte ao citado pelos salvacionistas, deixa clara a possibilidade desse quadro se **reverter**, o que implica que o "estar condenado" termina quando o ímpio "deixa o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converte ao Senhor". Por que se reverte esse quadro? O próprio verso (7) nos responde: "*porque grandioso é em perdoar*", "*porque a sua benignidade dura para sempre*" (SI

136). Ora, que grandiosidade é essa em perdoar e que benignidade é essa que "dura para sempre" enquanto ao mesmo tempo fecha as portas do perdão aos que não aproveitaram ou **não tiveram oportunidade** disso? Este é o caso da esmagadora maioria das pessoas que passaram pela vida neste orbe. Uma pergunta que ecoa sem respostas minimamente aceitáveis, sob o ponto de vista lógico, é: que destino teriam essas pessoas? Na proposta dos salvacionistas, se uma pessoa não conheceu o evangelho, tendo ou não tido oportunidade para tal, ela já tem um destino: sofrer **a ira e a vingança de Deus**.

Diante disso, como podemos entender o texto de Isaías? Ele significa que após esta vida ou após um dado momento Deus irá se afastar de nós e fechar os seus ouvidos para sempre? Acreditamos que não. Jesus nunca disse isso. Verificamos nas nossas Bíblias, as referências para as quais que esse texto apontava, e encontramos:

Mateus 5:25

25 Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão.

*26 Em verdade te digo que **de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceutil**.*

À luz desse texto fica claro que não adianta buscar ao Senhor ou invocá-lo, se já estiver "lançado na prisão", e isso dura até "pagares o último ceutil" ou até que a justiça divina esteja plenamente satisfeita. Isso evidencia a realidade das penas proporcionais (e não eternas), estabelecida pelo Cristo:

*"Alguns serão castigados **com poucos açoites**, outros **com muitos**" (Lc 12:47,48).*

Aqui temos, claramente exposto, o fato de que todos os homens **não serão punidos da mesma maneira** ou com a mesma intensidade, mas receberão uma punição proporcional às suas culpas. Entendemos que a ligação deste texto com o de Isaías relaciona-se ao fato de que o ato de buscar ou invocar o Senhor deve ser feito antes dos açoites, a ponto de evitá-los. Está ligado aos açoites, e não à capacidade de perdão divino.

João 7:34-35

34 Vós me buscareis, e não me achareis; e onde eu estou, vós não podeis vir.

*35 Disseram, pois, **os judeus uns aos outros**: Para onde irá ele, que não o acharemos? Irá, porventura, à Dispersão entre os gregos, e ensinará os gregos?*

João 8:21

21 Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Eu me retiro; buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, vós não podeis ir.

*22 Então diziam **os judeus**: Será que ele vai suicidar-se, pois diz: Para onde eu vou, vós não podeis ir?*

Verso anterior:

Isaías 55:5

*Eis que chamarás a **uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu a ti correrá**, por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel; porque ele te glorificou.*

As duas passagens de João parecem estar ligadas ao povo judeu, numa alusão a um tempo futuro (em relação ao texto acima) de pregação das boas novas aos gentios, mas nada há que indique que os judeus estão fora do alcance da misericórdia divina. Jesus se dirige àqueles que não o receberam, aos endurecidos no pecado que o buscarão em vão, apenas para escapar das conseqüências, e não com genuíno arrependimento, já que estão endurecidos no pecado.

II Coríntios 6:1-2

1 E nós, cooperando com ele, também vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão;

*2 (porque diz: No tempo aceitável te escutei e no dia da salvação te socorri; **eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação**);*

Hebreus 3:13

*13 antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, **durante o tempo que se chama Hoje**, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado;*

Estes versos evidenciam que devemos buscar e invocar o Senhor “para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado”, porque se chegarmos a esse estado não iremos buscá-lo e invocá-lo, e então chegarão os “açóites”, dos quais não escaparemos. Mas os “açóites” não são eternos, estes sim tem duração com “prazo de validade”.

8. Salmo 22 e a “salvação de todos”

Embora os salvacionistas relutem, esperneie e nos digam que “a não ser que ignoremos as demais passagens bíblicas sobre o assunto, que dá vazão a afirmar que toda a terra se converterá ao Senhor (Sl 22:27) fale sobre uma salvação a todos, indistintamente”, a verdade é que esse texto diz exatamente isso, e não abre margem a exceções. Os debatedores em seu esforço hercúleo asseguram que “vale a pena reprisar, este versículo está dentro de um contexto específico, envolvendo a volta dELE em seu reino (v. 28)”, e este verso 28 diz “**porque o domínio é do Senhor, e ele reina** (não diz reinará) **sobre as nações**”, ou seja, ele tem soberania sobre tudo e, como já dissemos, vale à pena reprisar: tudo o que Ele quer necessariamente acontece, **operando eu, quem impedirá?** (Is 43:13). Portanto, não procede o que eles dizem: “Não são TODAS as pessoas de todas as faces da Terra, como quer os espíritas” porque não somos nós que queremos, mas o próprio Deus e se ele quer, não é a nossa vontade ou a dos salvacionistas que irá mudar alguma coisa, mas... como uma palavrinha que está no texto incomoda a quem quer buscar na Bíblia meios para defender sua doutrina e não encontra!

9. Pregação aos mortos – verdade ou mentira?

Dissemos que “a Bíblia diz que foi pregado o evangelho até aos mortos (I Pe 4:6; I Pe 3:19), e sendo nós espíritos imortais, estaremos sempre em vida e, portanto, em condições de aceitar e buscar a Deus.” Embora os salvacionistas reclamem que “Este assunto desvirtua um pouco mais o tópico, uma vez que há diversas linhas de interpretação entre os evangélicos destes versículos” e assegure que faria algumas considerações rápidas e caso alguém ou nós quiséssemos. Faremos aqui mesmo as nossas considerações e nos colocando aberto a este convite, caso alguém solicite, como queiram. A análise rápida dos salvacionistas se centraliza no argumento de que “o termo “pregou” pode adquirir outros significados, pois no original também implicaria em anunciar, comunicar, não exatamente pregar para fins de salvação e sim, para proclamar sua vitória aos santos que viveram antes de Cristo e, pela fé, esperavam pelo Messias prometido”, mas cabe observar que isso foi hipótese e não uma refutação. E se o texto diz que foi pregado o **evangelho até** aos mortos, é porque os mortos não conheciam o evangelho, se diz “**até**” é porque este era o mesmo evangelho pregado aos vivos, o que indica que as portas da misericórdia divina está aberta a todos: vivos e mortos. É notório que os salvacionistas admitiram que sua alusão acima foi uma hipótese e definiu sua posição: “somos da linha de que este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de Noé**”. Somos da opinião de que a pregação aos mortos citada por Pedro, foi direcionada não aos santos que viveram antes de Cristo, mas a **espíritos em prisão** (daí o porquê da pregação do evangelho) e ocorreu **num outro tempo** (posterior) e não **nos dias de Noé**. E é isto o que será devidamente analisado e comprovado em seguida.

10. Pregação aos “espíritos em prisão” – antes ou depois dos “dias de Noé”?

O texto a ser analisado tem sido objeto de muitas controvérsias, mesmo entre evangélicos, para quem o “espírito santo” deveria ter unificado e guiado a “toda a verdade”, a despeito do que ocorre na prática. Vejamos o texto:

I Pedro 3

*19 no qual também foi, e **pregou aos espíritos em prisão**;*

*20 os quais **noutro tempo** foram rebeldes, **quando** a longanimidade de Deus esperava, **nos dias de Noé, enquanto** se preparava a arca; na qual poucas, isto é, oito almas se salvaram através da água,*

Os salvacionistas entendem que “este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de Noé**”. Eles alegam que “resumidamente, Cristo, através do Espírito Santo, **na vida de Noé**, pregou aos contemporâneos deste, que são referidos como “espíritos em prisão” em I Pe 3.19, ou seja, aos que, em outro tempo, foram rebeldes, nos dias de Noé”, o que significa que, para eles, o tempo da pregação e o tempo da rebeldia referida foi o mesmo. Para isto, ele também menciona Lucas 4:19 associado a Isaías 61:1 para mostrar que “espíritos em prisão” não se trata de mortos e, sim, de

vivos que não conhecem a palavra do Senhor. Os textos aludidos falam de “cativos”, mas não diz que estes sejam somente os vivos. Se alguém morre sem conhecer o evangelho, continua sendo um “cativo” ou “espírito em prisão”. Sua finalização foi de que “O evangelho foi pregado àqueles que creram e posteriormente morreram, a fim de que tivessem a vida eterna com Deus”, e isso estaria correto **se não houvesse no texto** (4:6) a partícula “até”, que inclusive já comentamos. Agora que foi exposta a posição dos salvacionistas, resta-nos compará-la com o texto e ver se assim procede. Através de uma pergunta básica, podemos encontrar no texto a resposta que nos dirá o exato sentido em relação ao tempo de pregação e o tempo de rebeldia. A pergunta é: quando foi pregado o evangelho aos mortos (ou espíritos em prisão)? Vejamos a ligação gramatical que existe entre os versos:

pregou aos espíritos em prisão
QUEM são os espíritos em prisão?
*os quais **noutro tempo** foram rebeldes*

De acordo com este trecho, são os que foram rebeldes noutro tempo, ou seja, em tempo diferente do tempo da pregação. Que tempo é esse?

quando a longanimidade de Deus esperava
nos dias de Noé
enquanto se preparava a arca

Os trechos acima informam em que tempo foram **rebeldes**, mas não situa o **tempo da pregação**, que foi outro. Porém, o contexto de 4:6 deixa subentendido que, se o evangelho foi pregado a eles, só pode ter sido **após** e não durante aquele tempo, o tempo da rebeldia. E se o foi após e não antes ou durante, está claro e justificado por que o evangelho foi pregado “até aos mortos”, porque estes já estavam mortos desde o dilúvio. Não vemos como chegar a outra conclusão sem violar os nossos conhecimentos de gramática. Isto para nós é uma questão de **interpretação de texto**. E uma vez que os salvacionistas o tenham por “palavra infalível” é apenas necessário que eles sejam imparciais e tenham coragem de admitir o que está no próprio texto. Para que fosse válida sua tese, deveria o texto estar escrito dessa forma: “no qual também foi, e **noutro tempo** pregou aos espíritos em prisão, os quais foram rebeldes, **quando...**”, mas não é assim que está escrito.

Embora tenhamos fornecido e reforçado vários outros textos, estes versos em específico, são inelutavelmente o “**calcanhar de Aquiles**” de todo aquele que propala a salvação somente em vida. Vamos agora ao texto de Miquéias.

11. Miquéias 7:18 – confirma ou rejeita a ira eterna?

A ira eterna é corolária das "penas eternas". Uma pressupõe a outra, e vice-versa. Não há como aceitar uma e ao mesmo tempo rejeitar a outra. Se derrubarmos uma, a outra cai por terra, automaticamente. Sobre o Salmo 22, a misericórdia de Deus é eterna e o texto de Miquéias que nos diz que sua ira não é eterna "porque ele se deleita na benignidade", o que derruba as intenções dos defensores das penas eternas acerca da uma chance minguada, desigual e que varia de pessoa para pessoa, tão somente nesta vida, seguida de penalidade interminável e que perduraria

a eternidade. A resposta oferecida por eles é que "Cristo veio salvar o que estava perdido e, conforme o texto de Miquéias 7:18 citado, e o **contexto ignorado**" eles citam em seguida o verso que mencionamos e arrematam: "pois a condenação aos ímpios **satisfará a sua justiça**. Vale uma lida neste capítulo para se perceber a desolação que virá aos que não crerem". Pensamos em duas coisas que já foram esclarecidas. A primeira delas é que já ficou esclarecido que o "**satisfará a sua justiça**" não dura eternamente, mas somente enquanto durarem os "açoites". Outra coisa que precisa ser esclarecida é que o verso diz que sua ira **não dura para sempre** e por isso, a desolação que virá aos que não crerem será "**por causa do fruto das suas obras**" (v.13), o que não vem a desmentir o verso 18 e 19, e nem o pode. Convido os leitores para que façam uma devassa no capítulo, e verifiquem se é verdade mesmo que o contexto traga algo que refute o vs.18 quando alude à desolação que virá aos que não crerem.

12. O dilema dos efeitos dissonantes

Entraremos agora num dilema, mas um dilema que não é nosso e sim daqueles que crêem no "pecado original" e na "morte de Cristo" como um resgate efetuado em prol da humanidade. Para entendermos o dilema, basta compararmos os efeitos do "pecado original" e da "morte de Cristo" para vermos se há justiça nisso tudo. Em uma análise mais apurada, dissemos que "segundo o dogma do pecado original, a morte passou incondicionalmente a todos os homens, isso cumpre a parte **em Adão todos morrem**, mas não cumpre a segunda **em Cristo todos serão vivificados**, pois nessa ótica os que **não são** de Cristo ficam de fora daquilo que consta no verso 23. Ou seja, os efeitos do pecado de um só homem são transmitidos a toda raça humana **incondicionalmente** ao passo que os efeitos do sacrifício vicário de um inocente são transmitidos **sob condições** a apenas uma esmagadora minoria de eleitos". Embora tenham entendido o raciocínio, ao invés de explicar ou refutá-lo, os defensores do pecado original simplesmente trocam o nosso argumento pelas suas citações, ou seja, eles não explicam o porquê desses efeitos dissonantes. Nem ao menos fazem um mínimo de esforço no sentido de conciliar ou colocar esses efeitos em pé de igualdade entre si. Eles tangenciam e não respondem, simplesmente dizem que "apenas se ignorássemos que Deus procura sempre por àqueles que O adorem em espírito e em verdade (Jo 4:23-24), e se referem, claramente, apenas aos que o receberam, aos que crêem no seu nome, àqueles que deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1:12)". Este é um dilema que ressoa em nossos ouvidos sem ao menos uma minguada tentativa de resposta da parte dos "proficientes irmãos" que nos acusam.

V - Paulo e a ressurreição, um obstáculo à imortalidade de Elias – I Coríntios 15

Chegamos a um momento importante de nossas análises. Este ponto foi levantado para rebater alegações de que Elias ainda estaria vivo, residindo no céu desde o arrebatamento descrito em II Reis, por sinal já discutido nos primeiros segmentos. Este capítulo foi citado por conter elementos que vão de encontro à imortalidade de Elias. Ali é retratada a opinião de Paulo, um dos apóstolos, também

conhecido como "apóstolo dos gentios" e esta opinião foi dada acerca da ressurreição e da imortalidade, num tempo em que admite ele apenas "**conhecer em parte**" (I Co 13:12). Sendo um texto situado dentro da Bíblia e nossos opositores, ardorosos defensores da inerrância, forçoso é esperar que eles busquem harmonizar os textos e não entrar em contradição. Foi isso o que buscou fazer e é isto o que será analisado em detalhes.

1. O problema da semântica

Uma das questões a que Paulo dá realce é sobre o "corpo da ressurreição". Ele define que "há corpos celestes e corpos terrestres" (v.40). A estes ele chama "corpo natural" e aos primeiros "corpo espiritual". Deixa claro que se trata de corpos diferentes: "**Semeia-se** corpo natural, **ressuscitará** corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (v.44). O que morre é o "corpo natural", o que ressurge é outro, o "corpo espiritual", porque "**a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção**" (v.50). Isso deixa claro que são corpos diferentes. Os opositores festejam dizendo que "pelo menos os espíritas já bem esclareceram que o tema desse capítulo não é mesmo reencarnação", mas acusam que "o problema é que eles se prendem muito em suas **interpretações descontextualizadas**, pois inferir que dentro do conceito de voltar em outro corpo, podemos dizer que isso também se entende por reencarnação, como disseram, é apenas se ignorarmos **todo o capítulo em questão**", nos querendo transmitir que o fato da ressurreição se dar em **outro corpo**, como demonstramos, seria fruto de **interpretações descontextualizadas** que ignoram, supostamente, **todo o capítulo em questão**, embora tenham admitido mais à frente "já explicamos que será em outro corpo". Pensamos que este seja um problema de semântica, pois se a própria concepção de nossos antagonistas admitem um hiato de séculos ou milênios entre a morte e ressurreição de um indivíduo, e dentro do conceito de Paulo o corpo que morre **não é** o mesmo que ressuscita, claro está que estamos falando de corpos diferentes. Daí o porquê de nossa alusão, de que a ressurreição tratada por Paulo não deixa de ser uma reencarnação, já que esta se insere no mesmo conceito de voltar em outro corpo.

2. A "transformação" que ocorrerá com os vivos e os mortos

Esta é uma pergunta cuja resposta se faz necessária, pois dissemos que a transformação ocorreria com os vivos somente, e os opositores acusam que esquecemos do verso 52, assegurando que ela não ocorrerá com os vivos somente. Nada melhor do que citar o texto para ver se assim procede.

num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e nós seremos transformados. (I Co 15:52)

O texto fala de dois grupos de pessoas, os mortos e os vivos. O primeiro grupo ressuscita "incorruptível" ou em "corpo espiritual", o segundo é transformado. O texto é

claro e não permite dúvidas. Uma troca de corpos também pode ser entendida como transformação, desde que se estabeleçam algumas diferenças, pois não é a mesma transformação que ocorreria aos vivos. Daí o motivo porque Paulo os diferencia, no verso 52. É isto o que queríamos transmitir, e pode ser que os opositores estejam programados para não entender ou não soubemos expressar devidamente, mas vamos explicitar um pouco mais. A ciência diz que nosso corpo é formado principalmente de oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono que se combinaram para formá-lo. Uma vez morrendo e se decompondo, esses elementos são restituídos à natureza para formar novas combinações e integrar novos corpos minerais, vegetais e animais (incluindo o homem), e assim sucessivamente. Daí, como pode haver transformação das mesmas moléculas que integraram diferentes corpos em diferentes épocas para reintegrarem ao mesmo esses corpos? Paulo não entendia isso, daí porque disse: "Eis aqui vos digo um **mistério**" (v.51). Tanto é que Paulo sobre isso foi explícito no verso seguinte, especificando que uns são transformados enquanto outros ressuscitam em novos corpos.

3. O “corpo espiritual”, a transfiguração e o arrebatamento de Elias

Os opositores da reencarnação reconhecem acertadamente que usamos o capítulo para mostrar que diante dessa idéia do apóstolo, cai por terra o arrebatamento de Elias, e argumentam que “Elias aparece no monte no momento da transfiguração juntamente com Moisés apareceram com glória (Lc 9:3), o que denota que a transformação já ocorreu com ele”, mas se esquecem que se esta já ocorreu, não pode ter sido antes dele ter vindo como João Batista. Este fato foi admitido por Jesus naquele momento: "digo-vos que **Elias já veio, e não o conheceram**, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram" em alusão à morte trágica de João Batista, e devido a isso, finalmente "**entenderam os discípulos** que lhes falara de **João o Batista**". Seria o caso de perguntar: Para Elias (ou João Batista) aparecer com glória, será que precisou de seu último corpo?

VI - Paulo e o “conhecimento pleno” – I Coríntios 13

Dissemos que Paulo estava na impossibilidade de entender certas coisas, mostramos que ele próprio fez questão de reconhecer isso, quando disse: “**o nosso conhecimento é limitado**, e limitada é a nossa profecia” (I Co 13:9). Reforçamos este argumento ao dizer que Profecias são revelações, são instruções que se reputam inspiradas, e dentro disso, se o que Paulo escreveu foi inspirado, então forçosamente foi um ensino ou instrução onde ele discorre sobre assunto, do qual ele mesmo reconhecia que em parte conhecemos, e em parte profetizamos, mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado, e mais adiante ele completa: agora conheço em parte (**tempo presente**), mas então conhecerei plenamente (**tempo futuro**), como também sou plenamente conhecido, e os opositores da reencarnação acusam que “ignoramos suas explicações, ignora que, mesmo conhecendo o que conhecemos sobre o Mestre (o tema deste versículo - o amor de Deus por nós, manifesto na pessoa de Cristo) e que nos foi revelado, o conhecimento pleno (tempo futuro) apenas se dará quando Ele voltar (quando vier o que é perfeito!)”,

o que significa que termina por admitir aquilo que dissemos e que eles, a princípio, se dispôs a combater. Fica aí, então, exposto o fato inapelável, indesmentível, irrefutável de que Paulo poderia sim, estar equivocado em alguns pontos, o que reforçamos em seguida.

1. João 16:12 e o conhecimento limitado

O texto traz uma fala de Jesus, e Ele diz:

"Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar" (Jo 16:12).

O autor da fala é Jesus, como dissemos. Ora, se ele não disse tudo a seus discípulos e apóstolos, é porque estes não podiam ter sabido mais do que ele disse, e com efeito, poderiam ter perfeitamente se enganado, quanto ao sentido das palavras do Cristo. Mas o que ficou bem frisado é que mesmo não conhecendo tudo, o ensino de Paulo também é contrário ao arrebatamento de Elias. Os opositores da reencarnação alegam que misturamos o que Paulo disse com o que Jesus disse em João 16:12, que são assuntos diferentes, mas uma coisa está umbilicalmente ligada a outra. Se Jesus não disse tudo, justifica-se a possibilidade de Paulo ter errado em alguns pontos. Paulo nunca foi contrário a isso, ele mesmo admitiu não ter "conhecimento pleno", conforme demonstramos acima. Os opositores da reencarnação declaram que novamente esquecem o **contexto** deste versículo que ensina sobre coisas que os discípulos passariam como "ser expulsos das sinagogas" e "quem matá-los julgarão servir a Deus" (v 1); o que o Ajudador ensinaria "convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo" (v 8) como se este contexto pudesse negar o fato expresso na fala de Jesus. Completam eles que o contexto não indica que os discípulos não tivessem capacidade de compreensão embora Ele (Jesus) tenha dito a eles: "não as podeis suportar". O fato de eles não poderem compreender as "muitas coisas" que Ele tinha a dizer não os torna inábeis a pregarem o evangelho, pois do contrário Jesus não os comissionaria para tal. Não podemos confundir as coisas, conhecimento limitado todos temos e não era diferente naquela época, mas isso não nos impede de assimilar, propagar, praticar os ensinamentos de Jesus, bem como separar o joio do trigo.

VII - O sacrifício de Jesus e a expiação

Não satisfeito com o parecer abalizado e inequívoco de Jesus, que aponta ser João Batista o Elias reencarnado, nossos opositores procuram meios para escapar de embaraçosa situação que isto causaria às suas crenças. Para tal, eles começam a se entrincheirar naquilo que eles chamam de ensino do "Elias reencarnado", como se este "ensino", por si só, desautorizasse toda e qualquer referência dada pelo Cristo em relação à identidade do Elias reencarnado. A impressão que isso nos passa é que qualquer opinião, desde que contradiga, ainda que aparentemente, a opinião passada pelo Cristo, deve ser preferível a esta, se isto envolver a reencarnação. Segundo ele, este ensino "difere completamente o que ensina o espiritismo e sua principal teoria, a

reencarnação". Abrimos aqui uma pausa para esclarecer que a reencarnação não é teoria, se enquadra nos princípios fundamentais do Espiritismo. Ora, qualquer estudioso de "primeira viagem" que estudar a Codificação irá notar isso, logo de início, ao folhear a "**Introdução**" de "**O Livro dos Espíritos**". Retornando às palavras dos opositores da reencarnação, se é verdade que o ensino do "Elias reencarnado" difere da reencarnação, então forçoso é aceitar que também difere do que ensina Jesus em relação ao próprio Elias reencarnado. Disso não há como escapar, e neste caso teremos que fazer uma escolha. Comentaremos este ponto mais adiante.

Para sustentar a tese citada, os opositores da reencarnação nos asseguram que "**Cristo não foi morto pela vontade dos homens** , e, sim, por determinação de Deus para que se cumprissem as Escrituras (Lc 24:44)", o que soa contrário em relação a vários textos que estão nas escrituras. Afinal, quem de fato desejava a morte de Jesus? Se isto foi por "determinação de Deus", então o maior interessado na morte violenta de Jesus foi o próprio Deus. Foi de sua vontade que isso acontecesse. Mas a morte de Jesus não era algo que devia ser evitado? Afinal, se Deus queria que isso acontecesse, por que ao mesmo tempo queria que isso fosse evitado? Isso parece mais aquilo que chamamos de "conflito interior". Não parece um sentimento compatível com um Deus Soberanamente justo e bom. Ou ele quer ou ele não quer, ou ele se agrada ou ele não se agrada.

Citaremos alguns textos que lançam dúvidas sobre o fato de tudo isso ter acontecido por vontade ou "determinação de Deus".

João 8

*37 - Bem sei que sois descendência de Abraão, contudo **procurais matar-me, porque minha Palavra não está em vós.** 39 - Responderam, e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão. Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão.*

*40 - **Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido;** Abraão não fez isto.*

43 - Não sois capazes de escutar a minha Palavra.

45 - É porque digo a Verdade que não me acreditais.

Jesus deixa claro que suas palavras não foram aceitas pelos descendentes de Abraão, e que a intenção dos fariseus de assassiná-lo era algo abominável, e acrescenta que Abraão, a quem chamavam pai, jamais faria isso. Depois Ele prossegue, definindo que a vontade deles em matá-lo provinha do diabo, que por ser assassino desde o princípio era o verdadeiro pai deles. Observe que o desejo pela morte de Jesus era do diabo, nunca de Deus. Será que neste caso a exigência dessa morte teria sido feita pelo diabo e não por Deus?

*42 - Disse-lhes, pois, Jesus: **Se Deus fosse o vosso Pai, certamente me amaríeis,** pois que eu saí, e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.*

*44 - **Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai.** Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.*

Pedro também manifestou o seu repúdio fervoroso a esse ato criminoso, através de insistentes acusações aos judeus (Atos 2:36,23; 3:15; 4:10; 10:39). Paulo trata disso com bastante veemência, na epístola aos tessalonicenses:

I Tessalonicenses 2

15 Os quais também mataram o SENHOR Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido; e NÃO AGRADAM A DEUS, e são contrários a todos os homens,

16 E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim.

Aqui fica claro que a morte de Jesus e dos profetas **não agradou a Deus**, mas pelo contrário, só provocou a sua Ira ao invés de abrandá-la.

Na epístola aos Coríntios, Paulo diz que "A **sabedoria** que Deus preordenou desde a eternidade **não foi conhecida por nenhum dos poderosos deste século, porque se a tivessem conhecido, JAMAIS teriam crucificado o Senhor da Glória**" (I Co 2:7,8). Aqui, ele está afirmando que se os poderosos de sua época tivessem algum conhecimento da sabedoria de Deus, jamais teriam crucificado Jesus.

Os defensores do sacrifício vicário declaram que a morte de Jesus **não foi** por vontade dos homens, mas o que ressalta dos textos é o extremo oposto. Não somente foi por vontade destes como também **não agradou a Deus**.

Como pode Deus querer sacrificar seu Filho para aplacar sua Ira, se isso apenas teve efeito contrário? Se Deus é Soberano, como Ele pode querer esquematizar e exigir algo, se isto não o agrada?

1. Arrependimento, confissão e sacrifício – o que nos purifica?

De acordo com os salvacionistas, nós quase acertamos ao dizer que não é seu sangue que purifica, mas o arrependimento acompanhado por confissão de pecados, pois estaria esquecendo que "uma coisa está intimamente ligada à outra, quem se arrepende confessa seus pecados e, conseqüentemente, **aceita seu sacrifício vicário** e têm os seus pecados perdoados". Para eles é necessário aceitar o sacrifício vicário para termos perdoados nossos pecados. A fé, neste caso, não seria a confiança na misericórdia divina, mas num suposto sacrifício perpetrado numa cruz. Seu raciocínio é: "o que adianta ter fé e não aceitar seu sacrifício?" Alguns textos evidenciam que não há essa "necessidade".

Hebreus 11:6 - *Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus **creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.***

O tipo de fé que agrada a Deus está expresso acima. Nada se diz sobre crer num "sacrifício vicário".

Mateus 9:2 - *E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Jesus, pois, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Tem ânimo, filho; **perdoados são os teus pecados.***

Jesus viu a fé dos que trouxeram o paralítico, declarou perdão ao paralítico por estes crerem no poder de Deus em galardoar os que o buscam. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

Lucas 6:37 - *Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; **perdoai, e sereis perdoados.***

João 20:23 - *Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados ; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos.*

A condição de perdão é perdoar. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

Lucas 7:47 - *Por isso te digo: **Perdoados lhe são os pecados, que são muitos; porque ela muito amou ; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.***

O amor é a causa do perdão. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

Atos 8:22 - *Arrepende-te, pois, dessa tua maldade, e roga ao Senhor para que porventura te seja **perdoado o pensamento do teu coração;***

O apóstolo fala em arrependimento, fala em rogar ao Senhor e, porventura, obter o perdão. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

Tiago 5:15 - *e a **oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará;** e, se houver cometido pecados, **ser-lhe-ão perdoados.***

Oração da fé relacionada ao perdão dos pecados. Tudo indica tratar-se da fé descrita em Hebreus 11:6. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

I João 1:9 - *Se **confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.***

Arrependimento e confissão de pecados estão relacionadas ao perdão dos pecados. Mas um pouco antes ele fala em purificação pelo sangue. Seria literal esse sangue? Vejamos o contexto, recuando dois versos:

I João 1:7 - *mas, [b]se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e **o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado.***

Mesmo neste texto, onde se fala em sangue purificador, nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”. O que podemos extrair do texto é que “andar na luz” equivale a ser “purificado de todo pecado”. Não pode ser um sangue literal, nem uma fé baseada nisso. Os salvacionistas perguntam: “o que adianta ter fé e não aceitar seu sacrifício?” Adianta muito, se reunirmos todos os quesitos acima: perdoar quem nos ofende, amar muito, arrepender-se, confessar nossos pecados, rogar ao Senhor e **ter fé ou crer que Deus existe e que é galardoador dos que o buscam.**

Estas são algumas amostras de que perdão ou remissão de pecados não está condicionado à idéia contraditória de "derramamento de sangue", citada pelos salvacionistas, sob a base frágil de um único versículo, escrito por um desconhecido.

2. Paulo, Tiago e a relação fé x obras

Não bastasse a ideia contraditória defendida pelos salvacionistas, de que "sem derramamento de sangue não há remissão", eles se desdenham da necessidade de ouvir e praticar os ensinamentos de Jesus. Alegam pressuroso que "pôr seus ensinamentos em prática, fazer boas obras também não, pois depende da exclusiva aceitação de sua morte vicária: Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras** e não pelas boas obras as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.(Ef 2:8-10)" ao passo que em nenhuma oportunidade Jesus enfatizou essa "necessidade" de aceitar a sua "morte vicária". E agora nos deparamos com outro problema no raciocínio dos salvacionistas. Para ele não fomos salvos pelas boas obras, mas para as boas obras. Segundo Paulo, as obras da lei não têm participação em relação à justificação. E segundo Tiago, a fé sem obras está morta. Se as obras a que Paulo se refere são as "boas obras", estamos diante de uma séria contradição. Tiago diz que "*o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé*" (Tg 2:24) e como exemplo cita Abraão e indica o cumprimento da escritura de Gênesis 15:6 **tão somente** quando este apresentou as obras. Com isso ele revela que durante décadas Abraão creu em Deus, mas a escritura que diz: "e isso foi-lhe imputado como justiça" só se cumpre ao oferecer seu filho Isaque. E conclui: "*Porque, **assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.***" (Tg 2:26) Se as obras "não necessárias" de que fala Paulo são as "boas obras", então estamos diante de um dilema e precisamos escolher entre Paulo e Tiago. Se as obras "não necessárias" são as obras da lei judaica, se Paulo se dirigia aos judaizantes, então temos o problema resolvido. E neste caso, os salvacionistas laboram em erro por desdenhar das "boas obras" como necessárias, aliás, **essenciais à salvação**, sem as quais a fé está morta ou inexistente.

3. A palavra da cruz, o homem natural e as "coisas de Deus"

Declaram os salvacionistas que a salvação é "apenas pela fé, que os espíritos, a qualificam como sendo irracional e cega", e eles dizem não se importarem com isso, embora suas atitudes denunciem o contrário. Para evitar novas dificuldades em responder questões no âmbito racional, eles seguem por um atalho que não raro vários outros também tomam, afirmando que "a própria Bíblia já explica que ao homem natural não compete saber as coisas de Deus pela limitada razão humana" e para justificar eles enumeram dois textos. São eles, respectivamente:

1 Co 1:18 - Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.

I Co 2:14 - Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.

A experiência mostra que no iminente perigo de questões que apelam à razão, a rota de fuga é, via de regra, apoiada pelos textos acima. Isso os dispensaria de maiores investigações.

Ocorre, porém, que os textos não dizem que "as coisas de Deus" sejam contrárias à razão, mas sim que existe falta de compreensão em relação às coisas espirituais. Compreensão está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o "homem natural" descrito é o que não está disposto a aceitar as "coisas espirituais". Não buscará compreendê-las, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus "cinco sentidos". Mas para reconhecer esta ignorância e estar aberto às coisas espirituais também é necessário usar o raciocínio, desde que aliado ao desejo sincero de aprender e assimilar novos conhecimentos.

O texto primeiro diz que "a palavra da cruz é loucura aos que perecem". Será que o texto consagra a fé irracional e cega? Não, muito pelo contrário. O próprio texto diz que a palavra da cruz é loucura **aos que perecem**. Ora, os que perecem são os que não querem **entender** as coisas de Deus e, conseqüentemente, a mensagem por detrás de tudo isso. Já dissemos várias vezes, mas vamos repetir: para entender alguma coisa, é necessário usar o raciocínio. Jesus foi crucificado. A Palavra de Deus que ecoou pela Terra foi silenciada. Com cravos foram perfurados as mãos e os pés do único que "tudo tem feito bem" (Marcos 7:37). Isso foi um pesadelo que abalou sobremaneira os discípulos, de forma tal que nem podemos imaginar.

Aliás, acreditamos que "A cruz é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. **Mas isso porque ela representava a pior forma de morte, o mais maldito de todos os castigos**".

Se fizermos uma retrospectiva, veremos que ao se recompor, Pedro imediatamente acusou os judeus de terem agido assim "**por ignorância**" (At 3:17), e reiterou seu repúdio com acusações enérgicas de assassinato: "Este Jesus, que **vós crucificastes** (...); **vós o matastes**, pregando-o numa cruz (...); aquele que conduz à vida, **vós o matastes** (...); Jesus Cristo, o Nazareno, a quem **vós crucificastes** (...); **eles o mataram**, suspendendo-o no lenho da cruz" (At 2:36,23; 3:15; 4:10; 10:39). Seu amigo Paulo, por sua vez, foi ainda mais enfático ao notificar os fiéis de Tessalônica de que "a morte dos profetas e do Senhor Jesus **não agradaram a Deus**" (cf. I Tessalonicenses 2:15), e que, por consequência disso, "**a ira de Deus está prestes a cair sobre eles** [os responsáveis]" (I Tessalonicenses 2:16).

Essa declaração de Paulo, sem dúvida, acalmou os nervos dos fiéis, pois naquelas comunidades helenistas Jesus era conhecido como um herói divino e milagreiro, cuja morte na cruz fora somente um final desgraçado e ininteligível, uma verdadeira "*loucura aos que perecem*" (I Coríntios 1:23). Sim, uma loucura incompreensível, pois a crucificação tinha um caráter tão humilhante e degradante, era tão cruel e horrenda, que se destinava apenas a escravos amotinados, criminosos notórios, rebeldes e revolucionários, não podendo sequer ser aplicada a cidadãos

romanos, aos quais não era permitido nem sequer a aplicação de açoites. Romanos culpados de algum crime eram executados à espada. Tal gênero de morte horrorizava a todos, pois ainda era antecedida de uma flagelação, para enfraquecer a resistência do condenado, tal como fez Pilatos em relação a Jesus (Mateus 27:26).

Flávio Josefo descreve que em certas épocas se podiam ver nas estradas romanas extensas fileiras de cruces nas margens, com os corpos crucificados de insurretos a servir de exemplo aos transeuntes. De acordo com seus relatos, as colinas ao redor de Jerusalém chegaram a ser totalmente desmatadas para se obter a madeira necessária para a confecção das cruces. O próprio local do Gólgota ficava ao lado de uma estrada importante, para que todo mundo pudesse ver o que acontecia a quem desafiava a lei romana. A prática da crucificação, possivelmente adotada dos antigos fenícios, só foi abolida no Império Romano durante o reinado de Constantino, no século IV da nossa era.

Os pagãos de todos os tempos jamais puderam aceitar voluntariamente uma “teologia da cruz”. Para eles isso sempre foi mesmo uma grande loucura, desde priscas eras até a idade moderna. Um exemplo: durante as infrutíferas tentativas de evangelizar o Japão, o governo daquele país publicou um édito, no ano de 1614, no qual acusava os cristãos de “disseminar uma lei maligna e depor a verdade”, citando o apego dos missionários à cruz como indicativo de que aprovavam atos criminosos.

Um milênio e meio antes vemos uma atitude similar em Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo e sem dúvida um dos mais corajosos. Estevão **nunca encarou a morte de Cristo como um evento necessário**, e declarou prontamente aos integrantes do Sinédrio, o tribunal judeu: “*Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles chegaram a matar os que anunciavam de antemão a vinda do Justo, este mesmo que agora **traístes e assassinastes!***” (At 7:52). Portanto, segundo Estevão, o Justo foi **traído e assassinado**. Foi, pois, no dizer de Estevão, **vítima** de um crime hediondo!

Realmente, só mesmo uma fé cega, aconchavada com a auto-ilusão, ambas acobertadas pela mais rija indolência espiritual, podem afastar para longe da consciência cristã as evidências nítidas, constantes nos próprios Evangelhos, de que a morte de Jesus foi um ato **contrário** à Vontade de Deus.

4. Jesus, Tomé e as provas materiais

Segundo os salvacionistas, o "Cristo **repreendeu** o apóstolo Tomé quando este pediu uma prova material de que Jesus, na sua frente, havia ressuscitado, pois como bem disse, "Bem-aventurados os que não viram e creram." (Jo 20:29)", mas não vemos nisso uma repreensão e sim um aviso de que nem sempre precisamos ver para crer. A própria aparição do Mestre em corpo físico, materializado, perante Tomé é prova indesmentível de que ele não se opôs à exigência do apóstolo.

5. Salvação impossível?

Em uma de suas "pérolas", os salvacionistas nos asseguram que "para considerar o Espiritismo como válido, deveria acatar somente parte das Escrituras", o que implica num reconhecimento deles de que as escrituras, ainda que em parte, estão a validar o Espiritismo. Mas eles ainda comentam que "expiar nossos pecados por nossos próprios esforços é auto-salvação, impossível (Mt 19:26) de ser realizado por nós". O interessante é que eles citam justamente Mateus 19, onde um jovem rico pergunta a Jesus sobre a salvação, e Jesus não responde que é pela fé (perdeu a oportunidade), mas diz a ele: "**guarda os mandamentos**", em seguida recomenda o desapego aos bens terrenos. Isso é o mesmo que se esforçar por "entrar pela porta estreita". Diante disso, os discípulos se admiram e entendem ser impossível a salvação dos ricos. Jesus confirma isso, mas à luz do que disse antes: "**difícilmente**". Mas cabe aqui notar que ele se referia só aos que se apegam aos bens materiais, e não a toda humanidade.

7. A pregação de João Batista e o "Cordeiro de Deus"

Não satisfeito ainda em sua luta para negar a identidade verdadeira de João Batista, os opositores da reencarnação começam a se entrincheirar no que ele chama de "ensino do Elias reencarnado". Embora se mostre com vontade de finalizar o debate, e até tenta fazer isso algumas vezes, é em uma dessas tentativas que eles se lembram e lançam seu argumento: "Para finalizar, veremos o ensino que nos trouxe o "Elias reencarnado", e como este difere do que ensina o espiritismo, justamente a reencarnação". Chega a ser notável o esforço dele (embora não explícito) em mostrar que haveria diferenças entre o ensino de João Batista e o de Jesus, caso aquele fosse o Elias. A impressão que fica é que, diante das supostas diferenças, devemos dar valor ao que disse João Batista, assumindo que Jesus não foi didático ou, na pior das hipóteses, quis enganar seus ouvintes e dizer o extremo oposto daquilo que intentava dizer.

Desde o início vimos enfatizando que, na eventualidade de haver contradição entre Jesus e seus discípulos, a autoridade do Mestre é a que deve prevalecer. Já citamos que **o próprio Mestre Jesus não só admite essa possibilidade, como nos dá o antídoto para isso: "Não é o discípulo mais do que o mestre, nem o servo mais do que o seu senhor"** (Mateus 10:24).

Tudo bem que os opositores da reencarnação não aceitem essa possibilidade e continuem insistindo "os espíritas insistem em dizer que prefere a autoridade do Mestre a de João Batista e os demais discípulos, como se o que estes tivessem pregado divergem do que ensinou Jesus", a possibilidade existe independente de ele crer ou não, aceitar ou não, gostar ou não. Eles pensam estar descobrindo a América, ao argumentar que "Apenas o fato de vermos que neste tópico, por diversas vezes serem utilizados passagens de livros escritos por seus apóstolos além do que Jesus disse nos Evangelhos, para defender a doutrina que professa, já significa que os ensinamentos, pelo menos para ele, não são tão divergentes assim", como se não soubéssemos disso, e isso representasse alguma coisa que possa ir de encontro à possibilidade de existirem divergências. Nós aceitamos sim, o que ensinou o "Cordeiro de Deus" e seus discípulos. Porém, não descartamos essa possibilidade de um

contradizer o outro. Deixamos uma abordagem sobre isso, ao discutir sobre "conhecimento pleno".

Em mensagem anterior frisamos para "não inverter as coisas e interpretar o que ele disse á luz do que outros disseram, mas fazer o contrário", e os opositores da reencarnação retrucam que "mesmo assim a situação não se inverte, **se os ensinamentos são iguais**, teremos o mesmo ensinamento, tanto no que Jesus ensinou quanto o que foi pregado pelos demais discípulos / apóstolos", mas ainda bem que eles frisaram no condicional, "**se os ensinamentos são iguais**", porque nem sempre é isso que encontramos.

Dependendo da ocasião podemos provar **aqui e agora** que João Batista, vulgo "Elias reencarnado", **contradiz abertamente** um ensino do "Cordeiro de Deus". Que ensino foi este? Basta abrirmos nossas Bíblias em João 1:21, e teremos a prova do que dissemos: "*E perguntaram-lhe: Então quê? És tu Elias? E disse: Não sou . És tu profeta? E respondeu: Não.*"

Vamos agora, avançar um pouco até chegar à outra frase do "Elias reencarnado". É a mesma que, segundo os opositores da reencarnação, deitaria por terra a reencarnação. Encontramos no **verso 29**: "*No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*".

Chegamos agora ao ponto crucial. Ao foco de suas investidas. À frase com a qual eles se agarram como um naufrago se agarra a um pedaço de madeira. Sobre isso enfatizamos ser temerário afirmar que João Batista estava errado, ao se referir a Jesus como "cordeiro de Deus", pois através de sua vida e morte que ele cumpriu e coroou sua missão terrestre, para "tirar o pecado do mundo", o que ele considera apenas "um avanço neste sentido", como se em momento anterior tivéssemos negado o que afirmamos, mudando depois nossas ideias sobre o caso. Sobre isso eles nos dizem que "Ele cumpriu e coroou sua missão de ser, dentre tantos títulos, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo **não com a sua vida e, sim, com a sua morte, numa clara alusão aos cordeiros imaculados que eram oferecidos para remissão dos pecados**, e claro está que refere-se a sua morte, pois apenas com a morte dos cordeiros que se derramava o sangue, **sem o qual não há remissão dos pecados**". Foi demonstrado bíblicamente que perdão de pecados não requer derramamento de sangue, embora o desconhecido autor de hebreus tenha dito isso. Sabemos que era costume milenar a imolação de animais pelos pecados do povo (Levítico 4:20) e isso naquelas eras bárbaras não deixava de ter um fundamento psicológico, pois servia para aliviar as consciências culpadas. O sacrifício de animais pelos pecados do povo era um ato próprio de povos bárbaros. Esta era uma idéia secularmente arraigada, daí porque alguns atribuíram à morte de Jesus caráter propiciatório, embora fique claro no texto bíblico que este crime não agradou a Deus e só fez provocar sua ira. Por outro lado, apenas dizer "cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" não implica em aceitar que isto agrade a Deus ou que Ele mesmo tenha feito essa exigência. Na época do AT, entendiam que os sacrifícios agradavam a Deidade e serviam para aplacar sua ira, mas era um entendimento deles acerca de Deus. Hoje podemos dizer que Deus sabia que a missão do Cristo atrairia a oposição dos líderes religiosos de sua época, porque parte dessa missão era denunciar a hipocrisia reinante. Os ensinamentos de Jesus precisavam ser trazidos para "tirar o pecado do mundo", e como parte dessa

missão era denunciar a hipocrisia reinante, Deus sabia que Jesus seria assassinado, e com todos os requintes de crueldades. Sabia também que este cumpriria sua missão terrestre, sem se importar com as consequências, dando seu exemplo de obediência "até a morte, e morte de cruz". Ele não reagiu diante disso, por isso sua atitude foi a de um "*cordeiro mudo diante daquele que o tosquia*" (Atos 8:32). Tal foi a analogia apresentada. Assim como os cordeiros eram sacrificados, pensando que isso aplacaria a ira de Deus, da mesma forma a morte de Jesus foi comparada ao sacrifício dos cordeiros. Com essa morte, Ele atrairia a atenção de todos, e isso tornaria ainda mais notórios seus ensinamentos que libertam. Se a intenção do Elias reencarnado foi sugerir um sacrifício expiatório, ele errou e contradisse o ensino do "Cordeiro de Deus". Na hipótese de ser verdadeira a tese dos defensores do sacrifício vicário, haverá uma série de questões que eles precisam esclarecer, relacionadas a este suposto sacrifício. E mesmo dentro dessa hipótese, preferimos acreditar no ensino do "Cordeiro de Deus", em detrimento do que disseram (ou sugeriu) o Elias reencarnado.

Estamos, então, diante de duas hipóteses:

1. O Elias reencarnado ensinou um sacrifício vicário ao apontar Jesus como "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".
2. O Elias reencarnado apenas associou Jesus aos cordeiros por semelhança de atitudes diante da perseguição e da morte, e também por que seu objetivo ao nos trazer ensinamentos era "tirar o pecado do mundo", sem que isso implicasse em sacrifício expiatório.

Se os defensores do sacrifício vicário estiverem certos, a primeira hipótese será a correta e o Elias reencarnado entrará em contradição com o que ensina o "Cordeiro de Deus", em relação à sua identidade.

Se os defensores do sacrifício vicário estiverem errados, a segunda hipótese será a correta e o Elias reencarnado não entra em contradição com o que ensina o "Cordeiro de Deus" sobre sua identidade.

As duas hipóteses são possíveis. Até que me provem o contrário, achamos correta a segunda. Por admitir que podemos errar, na eventualidade disso rejeitaremos a autoridade de Elias reencarnado para ficar com a autoridade do "Cordeiro de Deus". Aliás, o próprio Elias reencarnado um pouco antes disse algo contrário ao ensino do "Cordeiro de Deus" em relação à sua própria identidade (João 1:21). Uma nova contradição de sua parte não surpreenderia, assim como não mudaria a forma de pensar de um verdadeiro cristão, pois este segue ao Mestre, unicamente.

Os defensores do sacrifício vicário reconhecem que "encontramos nas mensagens dos espíritas palavras enaltecendo o Mestre, de que não podemos deixar de vivenciar seus ensinamentos", então que reconheça também que sua autoridade está acima da autoridade de qualquer de seus discípulos, seja Paulo, seja Pedro, seja João ou mesmo o Elias reencarnado. Pois todos eles, embora o Mestre lhes houvesse confiado o "ministério da reconciliação", estavam longe de possuírem "conhecimento pleno" das coisas.

Concordamos com os salvacionistas quando dizem que "Cristo não combateu a afirmativa de João porque Ele era, simplesmente, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" e também porque a frase em si, não implicava em contradita ao que ele ensina em outras ocasiões, especialmente no que tange à identidade do Elias reencarnado.

Os salvacionistas reclamam que "parte dos ensinamentos de Cristo os espíritas ignoram, e a principal, pela qual ninguém se salvará", mas não apontam este ensino principal que ignoramos, partindo da própria boca de Jesus. Em resposta a um "doutor da lei" sobre qual era o maior mandamento da lei, este cita os mandamentos e conclui que "**destes mandamentos dependem toda a lei e os profetas**" (Mateus 22:40). Os mandamentos estão entre os versos 37 a 39. Pensamos que o ensino principal de Jesus seja este, por seus exemplos e palavras.

Em contrapartida, podemos apontar várias ocasiões em que o Cristo poderia ter enfatizado o sacrifício vicário para salvação, e em nenhuma delas ele o fez. Preferiu enfatizar e premiar a obediência e as boas obras. Algumas destas ocasiões já foram apontadas no decorrer desse estudo.

Os salvacionistas citam o texto de Lucas 24:44-47, e embora façam isto insistentemente, não percebem que o texto diz que "em seu nome se pregasse o **arrependimento para remissão dos pecados**", situando isso após o padecimento e ressurreição no terceiro dia. Foi uma oportunidade ímpar em que o autor poderia associar este padecimento com "derramamento de sangue" e assim fazer ligação com "**remissão dos pecados**", mas não o fez. Para o autor, é o arrependimento que provoca "**remissão dos pecados**", e isto por si já vem a se somar à extensa lista de outros textos que contradizem a idéia esdrúxula de que "**sem derramamento de sangue, não há remissão**".

8. A dúvida de João Batista e a resposta de Jesus

Dissemos que "além disso, convém assinalar em relação ao "Elias reencarnado", que embora fosse o maior "dentre os nascidos de mulher", teve sérias dúvidas se Jesus era mesmo o Messias". Os opositores da reencarnação indicam os textos de Lucas 7:19,22 e Mateus 11:3,5 como "referência não postada". Nos últimos momentos de vida é natural que João ficasse preocupado, talvez até vacilasse na fé e isto o levasse a buscar confirmação daquilo que ele havia ensinado sobre o "Cordeiro de Deus". A pergunta de João Batista reflete esse estado de espírito: "**És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?**" Os opositores da reencarnação se colocam como sendo alguém possuidor de um radar ultra-psíquico e ultra-temporal, capaz de viajar no tempo e penetrar no âmago das consciências, atingindo o pensamento de João naquele instante, pois afirma que a pergunta foi "para confirmar o que tinha dito e não por ter dúvidas", como se soubessem o que se passava na cabeça, prestes a ser degolada, de João Batista.

O problema dessa posição é que ela não encontra qualquer sustentação no texto bíblico. Não há uma única sugestão que aponte como inverossímil a conclusão dos opositores da reencarnação. Pelo contrário, se ele pergunta "para confirmar", é

porque tem dúvida, necessita de uma confirmação relacionada ao objeto da pergunta. Se a pergunta se relaciona à identidade do "Cordeiro de Deus", é porque existe uma dúvida, e ela é séria. Se os opositores da reencarnação não acham sério ter dúvidas sobre a identidade do Messias, nós achamos sério, e muito. E pensamos que não estamos sozinhos nesta opinião. Os opositores da reencarnação revelam como Jesus responde a essa dúvida expressa por João Batista: "o próprio Cristo, que não negou quando foi afirmado que Ele era o "Cordeiro de Deus" que tira o pecado do mundo, agora confirma aquilo que João Batista já tinha anunciado: Ide, e contai a João o que tens visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho", e isto quer dizer que o Mestre não só confirma ser o "Cordeiro de Deus", como aproveita este momento e revela em que sentido isto é verídico:

1. Ele era o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" porque "os cegos vêem"
2. Ele era o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" porque "os coxos andam"
3. Ele era o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" porque "os leprosos são purificados"
4. Ele era o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" porque "os surdos ouvem"
5. Ele era o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" porque "aos pobres é anunciado o evangelho"

Está aí, confirmado para João Batista o que ele havia anunciado sobre **quem** era o "Cordeiro de Deus" e **por que** era o "Cordeiro de Deus". E isto, inclusive, está reconhecido pelos opositores da reencarnação.

VII - Analisando I Tessalonicenses 5:21

É digno de lástima que os opositores da reencarnação, embora aceitem (ou tentem aceitar) a Bíblia em toda sua inteireza, considerem que o método "julgar todas as coisas e reter o que é bom", recomendado pelo apóstolo, seja "um método um tanto quanto suspeito". Nossos opositores alegam que "julgar **todas as coisas**" seja descontextualizar "totalmente este versículo das Escrituras como se este ensinasse a "examinar todas as coisas e reter o que convém", mas a idéia de Paulo é esta mesma. E isto é verdade, desde que entendamos que "reter o que convém" equivale a "reter **o que é bom**". Para nós, o que é bom é o que não entra em choque com o ensino de Jesus, é o que não amesquinha a bondade e justiça divinas, é o que também não vai de encontro à razão e o bom senso, tidos por critérios bíblicamente válidos e recomendados e assim estarmos em condições para julgarmos "coisas espirituais".

IX - O foco do debate e o foco da Bíblia

O foco do debate aqui é definir se Jesus disse ou não ser João Batista o Elias reencarnado, e acreditamos que isso está mais do que respondido por nós, ao demonstrar que a semelhança deles não era apenas em nível de ministérios, mas chegava a um nível mais profundo, de identidade, ao demonstrar que só o próprio

Elias poderia ter cumprido as profecias, ao demonstrar a impossibilidade de Elias não ter morrido diante do testemunho abalizado e ensinamentos de Jesus, ao demonstrar que a pregação de Elias reencarnado sobre o "Cordeiro de Deus" foi confirmada e devidamente interpretada por Jesus e que isto em nada difere do que Jesus ensinou acerca dele, ao contrário dos desejos dos opositores da reencarnação.

Penso que o foco do debate não foge ao foco da Bíblia, desde que a autoridade esteja sempre centrada nos ensinamentos de Jesus. Se os opositores da reencarnação entendem que Jesus não ensinou ou quis dizer o contrário do pretendia ensinar acerca de quem era "o Elias que havia de vir", deixaremos devidamente refutados todos os seus comentários a respeito.

Considerações finais

Neste fim de exposição, fazemos nossas as palavras dos opositores da reencarnação: "consideremos as Escrituras, toda ela, inclusive com o que o próprio Mestre ensinou e foi seguido pelos demais discípulos, cujos ensinamentos foram corroborados por Ele", mas sem deixar de entender que considerá-la toda não significa aceitá-la toda, e sim aplicar o princípio que ela mesma recomenda: "julgar todas as coisas e reter o que é bom". Isto ocorre porque nem tudo está de acordo com os ensinamentos de Jesus, dos quais "apenas omitindo e ignorando certos trechos" é que se pode "embasar quaisquer teorias" que o contrariem e o façam dizer o extremo oposto do que disse Jesus quando disse que "**João Batista é o Elias que havia de vir**".

Mauricio C.P.
Thiago Toscano Ferrari

Maio / 2005
(Revisado: Outubro / 2013)

Referências Bibliográficas:

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, PETIT, São Paulo, SP 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, PETIT, São Paulo, SP 2004.
KARDEC, A. *A Gênese*, PETIT, São Paulo, SP 2004.
Bíblia Sagrada, Editora Vozes, 3ª edição, 1983.
Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.
Bíblia Edição Palavra Viva, Lisboa, S. Paulo, SP: Stampley Publicações Ltda, 1974.

Internet:

[1] Entrevista com o Judeu Ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006.

(<http://forumevangelho.com.br/>)

[2] Enciclopédia Judaica:

<http://www.jewishencyclopedia.com/view.jsp?artid=245&letter=E>

[3] Revista Galileu:

<http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT1080621-1706,00.html>